

**UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO**

**Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas**

**LUANA GROHE CANTO**

**A arte de narrar contos de fadas e a formação da criança na primeira  
infância: diálogos com a Base Nacional Comum Curricular**

**São Paulo**

**2021**

**LUANA GROHE CANTO**

**A arte de narrar contos de fadas e a formação da criança na primeira  
infância: diálogos com a Base Nacional Comum Curricular**

Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado do Programa de Pós-Graduação  
em Ciências Humanas da Universidade  
Santo Amaro – UNISA.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora  
Fontana Baseio

**São Paulo  
2021**

C232a Canto, Luana Grohe

A arte de narrar contos de fadas e a formação da criança na primeira infância: diálogos com a Base Nacional Comum Curricular / Luana Grohe Canto. — São Paulo, 2021.

98 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) — Universidade Santo Amaro, 2021.

Orientador(a): Dra. Maria Auxiliadora Fontana Baseio

1. Contos de fadas. 2. Imaginário. 3. Experiência. 4. Interdisciplinaridade. 5. BNCC. I. Baseio, Maria Auxiliadora Fontana, orient. II. Universidade Santo Amaro. III Título.

**Luana Grohe Canto**

**A arte de narrar contos de fadas e a formação da criança na  
primeira infância: diálogos com a Base Nacional Comum  
Curricular**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação  
em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Fontana Baseio

São Paulo, 24 de Fevereiro de 2021

Banca examinadora

---

Profa. Dra. Maria Zilda da Cunha - USP

---

Prof. Dr. Manoel Francisco Guaranha - UNISA

---

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Fontana Baseio - UNISA

À Ana Clara, que, a cada dia,  
me mostra o quanto o amor pode ser infinito.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Maria Auxiliadora Fontana Baseio, pela incansável paciência e direcionamento do trabalho.

Aos amigos, Viviane Hatakayama e Jovino Balbinot, pelo incentivo na decisão de iniciar o curso.

Aos meus familiares e à minha madrinha pelo apoio e cuidado dispensados à minha filha Ana Clara.

À Nicole Canto, que contribuiu com a tradução do resumo.

À colega e amiga Rita Belmudes, que, muito prestimosa, ajudou com a revisão do texto.

Ao amigo Janderson Lacerda pela amizade e apoio de sempre.

Ao Rodrigo, pelo acolhimento e carinho nos momentos em que estive desanimada.

Agradeço a todos que, direta e indiretamente, ajudaram-me nesta caminhada.

Muito obrigada!

## RESUMO

Os contos de fadas revelam um mundo de encantamento, beleza, magia e são tramados por enredos repletos de imagens que contribuem para a formação da criança. Os objetivos deste estudo serão analisar quais estratégias didáticas ao narrar contos de fadas podem promover experiências que permitam que a criança, de 4 anos a 5 anos e 11 meses, faça descobertas sobre si mesma e sobre os outros, considerando os campos de experiência propostos pela Base Nacional Comum Curricular e se os contos de fadas podem contribuir para a formação pessoal e social da criança. As pesquisas serão de caráter interdisciplinar por relacionar as áreas da literatura, da psicologia e da educação. A investigação será bibliográfica e documental, somada à análise do conto “Bicho de Palha”, de Câmara Cascudo, para nortear a construção metodológica desta investigação, tendo como referencial teórico os estudos do imaginário na perspectiva do Carl Gustav Jung e Marie-Louise von Franz para analisar as contribuições acerca do imaginário e dos contos de fadas para a formação da criança, relacionando-as com os campos de experiências apontados nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular.

**Palavras-chave:** Contos de fadas. Imaginário. Experiência. Interdisciplinaridade. BNCC.

## **ABSTRACT**

Fairy tales reveal a world of enchantment, beauty, magic and are reasoned by plots full of images that contribute to the child's formation. The objectives of this study will be to analyze which didactic strategies when narrating fairy tales can promote experiences that allow the child, from 4 years to 5 years and 11 months, to make discoveries about himself and about others, considering the fields of experience proposed by the Base Nacional Comum Curricular Base and whether fairy tales can contribute to the child's personal and social formation. The research will be of an interdisciplinary nature as it relates the areas of literature, psychology and education. The investigation will be bibliographic and documentary, added to the analysis of the short story "Bicho de Palha", by Câmara Cascudo, to guide the methodological construction of this investigation, having as theoretical framework the studies of the imaginary from the perspective of Carl Gustav Jung and Marie-Louise von Franz to analyze the contributions about the imaginary and fairy tales for the formation of the child, relating them to the fields of experience pointed out in the guidelines of the Base Nacional Comum Curricular

**Key words:** Fairy tales. Imaginary. Experience. Interdisciplinarity. BNCC.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>1 A ARTE DE NARRAR NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DA PRIMEIRA INFÂNCIA.....</b>	<b>15</b>
1.1 Cantar e contar histórias para crianças.....	22
1.2 Narrar Contos de Fadas.....	29
<b>2. CONTOS DE FADAS, IMAGINÁRIO E FORMAÇÃO DA CRIANÇA.....</b>	<b>35</b>
2.1 Contos de Fadas: mitos, arquétipos e inconsciente coletivo.....	38
2.2 A Linguagem simbólica dos Contos de Fadas e a formação da criança.....	42
<b>3. CONTOS DE FADAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM DIÁLOGO COM A BNCC.....</b>	<b>48</b>
3.1 Reflexões em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	54
3.1.1 Contos de Fadas e os campos de experiência da BNCC.....	57
<b>4. O CONTO “BICHO DE PALHA”, DE CÂMARA CASCUDO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE.....</b>	<b>76</b>
4.1 O imaginário na narrativa “Bicho de Palha” .....	77
4.2 “Bicho de Palha” e sua contribuição para formação da criança.....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema central os contos de fadas, narrativas que abordam situações existenciais que auxiliam no processo formativo da criança e podem contribuir para que ela entenda os seus próprios conflitos emocionais.

Considerando que a criança possui seu próprio universo repleto de sonhos e de fantasias, essas narrativas podem oferecer-lhe a oportunidade de vivenciar seu mundo imaginário, caracterizado como um lugar onde tudo é possível, até mesmo os elementos sobrenaturais apresentam-se naturalizados. Esses enredos abordam sentimentos comuns a todos nós e surgem a partir da necessidade de o homem compreender os fenômenos que permeiam a condição da vida humana.

Os estudos sobre a infância na contemporaneidade crescem paulatinamente e, em paralelo, crescem, também, as discussões sobre a inserção da criança no ambiente educacional e sobre como realizar práticas pedagógicas que assegurem o seu desenvolvimento e a sua formação integral. Mesmo não sendo o escopo do trabalho nesta pesquisa, busca-se elucidar que a criança deve ser reconhecida como sujeito de direitos, como também entender alguns aspectos sobre o conceito de cultura da infância e sua evolução para compreender como se realiza o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança na educação infantil.

A primeira etapa da educação básica é decisiva para a formação pessoal e social da criança, como indivíduo criativo, crítico e cooperativo. As instituições de educação pré-escolar devem proporcionar momentos diversificados, que enriqueçam e aumentem as possibilidades de a criança adquirir competências, experiências e saberes que a acompanharão ao longo de toda a vida. É ainda responsabilidade da instituição escolar e dos educadores da primeira infância promover um contato direto entre a criança e a literatura.

Na primeira infância, as aprendizagens ocorrem por meio de brincadeiras e de interações. A Base Nacional Comum Curricular<sup>1</sup> propõe que a criança, nessa etapa do ensino, tenha condições de aprender, de se relacionar e de se desenvolver a partir das experiências, caracterizadas pelas ações e interações

---

<sup>1</sup> A Base Nacional Comum Curricular, definida na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), é um documento oficial que norteia os currículos e propostas pedagógicas dos sistemas e rede ensino do Brasil. O documento correspondente às etapas educação infantil e ensino fundamental foi homologado em 2017 e passou a ser implementado em 2018.

vivenciadas com os indivíduos de seu convívio. A partir dessa proposta, ao narrar contos de fadas no ambiente educacional para crianças pequenas, de 4 anos a 5 anos e 11 meses, quais estratégias didáticas permitem promover experiências que contribuam para sua formação integral, considerando os campos de experiência propostos pela Base Nacional Comum Curricular? De que maneira essas narrativas contribuem para a formação da criança? Como os professores da pré-escola narram contos de fadas?

Os objetivos deste estudo serão compreender quais estratégias didáticas ao narrar contos de fadas primeira infância, podem promover experiências que permitam que a criança, de 4 anos a 5 anos e 11 meses, faça descobertas sobre si mesma e sobre os outros, considerando os campos de experiência – o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações - estabelecidos pelas diretrizes do documento legal analisado. Cumpre verificar se os contos de fadas podem contribuir para a formação pessoal e social da criança.

Neste estudo, explicitamos discussões de cunho teórico-metodológico sobre os estudos do imaginário, na perspectiva de Carl Gustav Jung e Maria-Louise Von Franz, para investigar as contribuições do imaginário e dos contos de fadas para a formação individual e social da criança, relacionando-os com os campos de experiências propostos nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular. Para tanto, será analisada a narrativa “Bicho de Palha”, de Câmara Cascudo, que conta a história de Maria, ou Bicho de Palha, em uma versão brasileira para a narrativa de Cinderela, apresentando uma interpretação grávida de imagens que refletem valores significativos, como a coragem, a resiliência, a bondade, que podem contribuir para a formação da criança. Câmara Cascudo, conhecido pelos contos de encantamento, foi um renomado folclorista que dedicou a sua vida para pesquisa da oralidade e que assumiu o compromisso de registrar os costumes e a cultura popular brasileira e transformá-la em tradição oral. Nesta análise, faremos uma leitura do imaginário presente na história, seguindo a perspectiva teórica e conceitual de Jung e von Franz, a fim de verificar como essa rede de arquétipos de símbolos pode auxiliar no processo de formação da criança e no desenvolvimento da experiência ao serem narrados na educação da pré-escola.

Esta pesquisa será desenvolvida em três etapas: estudo bibliográfico, análise documental e análise do imaginário da narrativa “Bicho de Palha”, iniciando pela etapa bibliográfica. Será de caráter interdisciplinar, pois dialoga com a literatura, com a psicanálise e com a educação. Exploratória, uma vez que será elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos e materiais disponibilizados em revistas eletrônicas. Na análise documental, o objetivo será discutir as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, a etapa Educação Infantil, que envolve crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses, além de analisar como narrar contos de fadas com base nos campos de experiências propostos no documento, para que a criança faça descobertas sobre si mesma e sobre o outro. Será realizada, ainda, uma abordagem qualitativa por conter análise descritiva do conto “Bicho de Palha”, no que concerne às imagens arquetípicas na perspectiva de Carl Gustav Jung e Maria-Louise von Franz e suas significações no processo de formação de valores da criança e se contribuem para o processo de formação integral da criança e desenvolvimento de suas experiências.

No primeiro capítulo, “A arte de narrar na educação da criança da primeira infância”, são discutidas referências bibliográficas da área de literatura infantil, analisam-se os aspectos que envolvem a arte de narrar histórias, explora-se o conceito de experiência e busca-se entender como pode ser adquirida pelo contato com as narrativas dos contos de fadas e com a tradição oral, além de entender de que maneira esses contos considerados no âmbito da literatura podem contribuir para o desenvolvimento da criança da primeira infância em fase escolar.

No segundo capítulo, “Contos de fadas, imaginário e a formação da criança”, elegemos os estudos do imaginário na perspectiva de Carl Gustav Jung e Marie Louise von Franz para compreender processos psíquicos despertados pelos contos de fadas, o que pressupõe explorar o significado de inconsciente coletivo, de mitos, símbolos, arquétipos, entre outras contribuições investigativas de referências teóricas acerca dos contos de fadas e da literatura infantil.

Já no terceiro capítulo, “Contos de fadas e educação contemporânea”, será realizada uma investigação sobre as diretrizes do documento Base Nacional Comum Curricular, dedicada a entender como as propostas pedagógicas direcionadas para a criança pequena de 4 anos a 5 anos e 11 meses devem ser pautadas para o desenvolvimento das competências e das experiências que

assegurem o seu direito de aprendizagem. Mostraremos como a BNCC foi construída partindo de documentos anteriores a ela, além de analisar como e por que os contos de fadas podem ser narrados nessa etapa do ensino, contribuindo para o processo de formação integral da criança e desenvolvimento de suas competências.

No quarto capítulo, “Análise do conto: ‘Bicho de Palha’, de Câmara Cascudo”, será realizada uma leitura analítica da narrativa, evidenciando seus símbolos e arquétipos, com o objetivo de investigar de que forma essa rede de imagens pode reverberar valores, contribuindo para a formação individual e social da criança, ao propor atitudes sociais, como respeito mútuo, cooperação, amor, necessários para a formação da criança.

Os contos de fadas podem ser considerados importante instrumento pedagógico, que contribui para o processo de formação da criança como sujeito de direitos, auxilia, também, no desenvolvimento de suas experiências, além de enriquecer a busca por descobertas e ainda beneficiar para que a criança adquira múltiplas aprendizagens.

Ao recorrer a um instrumento lúdico e literário, pode-se estimular o gosto pela leitura, a criatividade, a imaginação, a sensibilidade estética, entre muitas outras competências igualmente relevantes. Essas narrativas despertam na criança possibilidades de vivenciar situações vinculadas à sua vida por meio do imaginário, a partir do qual se torna possível refletir sobre seus medos, sobre seus desejos e sobre os episódios que ocorrem em seu cotidiano. As crianças com faixa etária de 4 anos a 5 anos e 11 meses aprendem por meio das interações, das brincadeiras e da imitação e, ao se imaginarem vivendo situações semelhantes aos personagens das histórias, podem construir uma relação com a sua vida real.

Por meio dos contos de fadas, as crianças têm a possibilidade de viajar num mundo maravilhoso, o que estimula a imaginação, a criatividade, o sonho e a fantasia. Ao ouvir contos de fadas, é possível promover a aquisição de experiências que podem contribuir para o processo de sua formação. O simbolismo implícito nas tramas ficcionais é capaz de agir no sentimento da criança, possibilitando que, pouco a pouco, sejam amenizadas situações de conflito, normais nessa fase da vida. Essas narrativas organizam valores e permitem, ainda, que a criança adquira uma percepção do real em suas múltiplas significações.

Sabemos que, desde a antiguidade, dos tempos mais remotos, a tradição oral proporciona ensinamentos para a humanidade e que continuam até os dias atuais de maneira diferenciada. Narrar histórias cria a possibilidade de a criança viver a ficção e, por isso, analisamos o seu potencial ao serem introduzidas no ambiente educacional da primeira infância como forma de estimulá-la a fazer descobertas sobre a sua individualidade e sobre o mundo ao seu redor. A criança, nessa etapa do ensino, ao ter contato com a literatura, ganha a possibilidade de viver e adquirir experiências diferenciadas. E esse é um aspecto de extrema importância que será analisado ao longo desta dissertação.

## 1 A ARTE DE NARRAR NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Neste capítulo, exploramos discussões bibliográficas com base em estudiosos da área de literatura infantil. Analisam-se os aspectos que envolvem a arte de narrar histórias, explora-se o conceito de experiência e busca-se entender como pode ser adquirida pelo contato com as narrativas dos contos de fadas e com a tradição oral ao ser articulada pelo jogo performático, além de entender de que maneira esses contos no âmbito da literatura podem contribuir para o desenvolvimento da criança da primeira infância em fase escolar.

Inicialmente, é importante fundamentar um conceito de literatura, pois muitos autores concebem essa arte apenas em sua forma escrita. Sabemos que os contos de fadas, embora hoje sejam reconhecidos em livros, originalmente tiveram uma matriz oral. Nesse sentido, compartilhamos com Antonio Candido a compreensão tratada no livro *Vários escritos*.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2002, p.174-5)

Prossegue o autor discorrendo sobre literatura.

Um certo tipo de função psicológica [...]. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como o indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isso ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. (CANDIDO, 2012, p. 82)

Conforme Candido, a literatura é acolhida tanto no aspecto da oralidade, quanto da escrita, e pode ser analisada na perspectiva do imaginário associado ao âmbito psicológico.

A Literatura pode ser considerada como arte da palavra, por proporcionar determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos, possibilitando, assim, a formação da consciência do eu, do outro e do mundo, ou seja, a formação integral da criança. Segundo Nelly Novaes Coelho (2003), ainda não descobriram que a evolução de um povo ocorre ao nível da mente e ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância, ou ainda, não descobriram

que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra. Em seu livro *O conto de fadas*, a autora (2003), afirma que a história da literatura infantil direcionada para as crianças, se originou por volta do século XVII, na França, durante o reinado de Luís XIV, o rei Sol, com a adaptação de alguns textos de contos de fadas, realizada por Charles Perrault. Essas narrativas tinham como propósito transmitir para as crianças valores morais e éticos para a vida e convivência em sociedade. Nesse mesmo período, ainda na Europa, as crianças mais pobres não tinham acesso à leitura nem à escrita. O contato com histórias se dava por meio da tradição oral, realizada por adultos. Estudiosos dizem que as narrativas tinham um potencial de conquistar a atenção popular, além de proporcionar entretenimento e admiração pelos enredos.

Como a criança era vista como um adulto em miniatura desde a Idade Média, muitas vezes sua infância não era vivida, era apenas uma etapa da vida que tinha que ser ultrapassada, pois o seu amadurecimento logo era permeado de responsabilidades e produtividade. Segundo Ariès (1981), autor que estudou sobre o sentimento da infância, no período da Idade Média, a criança com menos de 7 anos era considerada muito pequena e, por isso, muito frágil. Desse modo, não se misturava entre os adultos e vivia às margens da sociedade, conforme descreve a seguir.

Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. (ARIÈS, 1981, p. 275)

Ainda segundo Ariès (1981), a criança, conforme crescia e adquiria autonomia, era considerada um adulto em miniatura (adultocentro), um ser ingênuo e puro, mas que dependia da condução de um adulto nesse processo de evolução, pois era um ser incompleto. Nesse período, os camponeses se reuniam para ouvir e contar histórias sobre situações do seu cotidiano, como forma de distração e entretenimento e as crianças que já haviam passado pelo período da fragilidade usufruíam essa experiência.

Em consonância com Áries, Tahan reforça sobre a fruição exteriorizada por



meio das histórias da tradição oral, que encantam e são capazes de exprimir emoções e sentimentos.

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos. (TAHAN, 1957, p.16).

Complementando a reflexão sobre cultura da infância e a experiência da criança ao ouvir histórias, Dieter Richter explica que

Na sociedade antiga, não havia a “infância”: nenhum espaço separado do “mundo adulto”. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos. (RICHTER apud ZILBERMAN, 2003, p. 36)

Pensando no exercício do contador de história, vamos analisar a importância de seu papel, ao refletir sobre o texto “O narrador” (1994), de Walter Benjamin, que utiliza Nikolai Leskov<sup>2</sup>, para descrever a relevância de contar histórias e a forma de explorar a narrativa por meio da oralidade. Para Benjamin, a narrativa oral é um meio de comunicação que ocorre entre o narrador e o ouvinte, em que a experiência é muito presente. Sobre isso ele diz: “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. Entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (1994, p. 198). Benjamin conclui que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (1994, p. 201). Entre as funções das narrativas, podemos destacar: a preservação das memórias, poder expressar emoções, compartilhar conhecimento e cultura, além de promover ao público ouvinte uma leitura de mundo.

O ato de narrar uma história é postulado como um acontecimento sagrado. A fala considerada sagrada é a essência da ação. O conceito de experiência aqui apresentado retrata o vínculo com o concreto, com as relações dos seres humanos em todos os âmbitos de convivência, seja com o social, ou com o histórico.

---

<sup>2</sup> Escritor russo de século XIX, estudado por Walter Benjamin em 1936, para entender a arte narrar histórias.

Ainda no texto “O narrador”, Walter Benjamin expõe que o senso prático é uma característica desse contador, que tem como objetivo expor suas experiências por meio das narrativas, impulsionando que o ouvinte utilize de tal sabedoria, seja ela prática ou moral, para aplicá-la em sua própria vida.

[...] Mais tipicamente que em Leskov, encontramos esse atributo em Gottbelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite a seus leitores pequenas informações científicas em seu *Schatzkastlein (Caixa de tesouros)*. Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma da vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIN, 1994, p. 200)

A transmissão de experiência apontada pelo pensador da Escola de Frankfurt depende de um narrador que saiba se comunicar com o verbo e o corpo, permitindo que o ouvinte tenha liberdade de interpretar. Sobre isso, considera que

O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens nos assusta. Seus ninhos - as atividades intimamente associadas ao tédio - já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo... Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história (BENJAMIN, 1994, p. 200)

Por isso, o ouvinte precisa estar com a atenção focada e deve se entregar à história para que possa relacioná-la com o seu cotidiano e com a sua vida.

Em outra perspectiva, Jorge Larrosa, em sua obra *Tremores: escritos sobre experiência*, conceitua experiência da seguinte maneira: “Em português se diria que a experiência é o que nos acontece [...] A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que toca” (2020, p. 18). Em seu estudo, ele aponta que a experiência está se tornando cada vez mais rara. “A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2020, p.18). Para ele, a experiência ocorre por meio da vivência e é importante saber tê-la para saber descrevê-la.

O primeiro motivo pelo qual a experiência está se tornando rara, segundo Larrosa é o “[...] excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (2020, p. 18). Ou seja, absorver informação não quer dizer adquirir experiência.

Para ele, outro ponto que tem tornada a experiência rara é o excesso de opinião. Ele afirma: “[...] a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça”. (2020, p. 20). Essa perspectiva do olhar de Larrosa justifica-se pelo fato de o indivíduo buscar adquirir informação para propor uma opinião, que sempre é a favor ou contra e isso reflete uma experiência generalizada.

A ausência de tempo é um outro fator que torna a experiência rara. Os acontecimentos são instantâneos e, com isso, o resultado é uma vivência breve. O sujeito vive acelerado, desejando viver tudo, mas não conseguindo viver nada. Larrosa reitera: “[...] a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência”. (2020, p. 22).

O excesso de trabalho é o quarto fator que torna a experiência rara, sobre isso ele diz: “Esse ponto me parece importante porque às vezes se confunde experiência com trabalho” (2020, p. 23). A intensidade de atividades a serem realizadas e cumpridas pode ser caracterizada como inimiga da experiência. Ainda nas palavras de Larrosa,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, olhar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2020, p. 25)

Por meio desta análise, podemos entender que experiência pode ser compreendida como o ato de experimentar, de provar. Na vida contemporânea cotidiana, observamos a venda da experiência como um produto, seja por meio de comida, viagens, passeios, shows, isso mostra o envolvimento do indivíduo cada vez mais presente com o mundo virtual e midiático e, com isso, uma preocupação maior em trazer este indivíduo para o mundo real. No universo infantil, as situações do cotidiano devem ser vivenciadas com intensidade para que sejam relevantes no processo de conhecimento de si mesmo e na construção das relações sociais. As narrativas podem contribuir como uma espécie de antídoto frente às experiências virtuais, cada dia, vivenciadas com mais excesso. Por isso, Larrosa, ao definir

sujeito da experiência, traz a seguinte reflexão: “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (2020, p. 25).

No campo pedagógico, segundo Larrosa, para relacionar a experiência com a educação, é necessário dar-lhe legitimidade. Para ele: “[...] o par experiência/sentido permite pensar a educação a partir de outro ponto de vista, de outra maneira [...]” (2020, p. 38). Considera ainda que “[...] a experiência é só o início do verdadeiro conhecimento [...]” (2020, p. 39). Conclui argumentando,

[...] a experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade. Por isso, o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência: a experiência é a que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa. (LARROSA, 2020, p. 48)

A experiência é fruto da ação diária e deve ser vivida com naturalidade. Sobre isso Larrosa reintera “a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição.” (2020, p. 68). Ou seja, a experiência é desenvolvida a partir da relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Ainda na concepção de Larrosa, “necessitamos de uma linguagem para a experiência, para poder elaborar (com outros) o sentido ou a falta de sentido na nossa experiência, a sua, a minha, a de cada um, a de qualquer um.” (2020, p. 68).

Vale salientar que a experiência infantil é diferente da experiência do adulto. A relação da criança pode ser mais permeável às vivências suscitadas pelo imaginário do que a do adulto, pois ela vivencia o mundo do faz de conta, em que imita comportamentos do seu meio social e dos traços culturais inseridos nas brincadeiras e nas interações e, também, ao explorar as situações do seu cotidiano.

Agambem, em seu livro *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história*, reflete sobre o conceito de experiência sobre o homem moderno impedido de viver a sua experiência. E por que relacionar esse aspecto com a infância? Agambem desenvolve uma pesquisa sobre a voz humana ou a sua ausência. Relaciona-a com a infância, pois a própria definição etimológica da

palavra infância<sup>3</sup> traz o significado sem fala, muda. E por isso, o autor questiona: “[...] existe uma experiência muda, existe uma in-fância da experiência? E, se existe, qual a sua relação com a linguagem?” (2014, p. 48). A pesquisa realizada por ele, neste ensaio, busca compreender a linguagem e a experiência. Ainda que a criança não possua uma linguagem verbal articulada, a linguagem infantil é permeada a partir da experiência. Então, nesse sentido, a experiência de ouvir histórias talvez seja uma forma de estimular o desenvolvimento pleno da linguagem não só por meio da imitação do adulto, mas por meio da carga imaginária que as narrativas trazem e, nesse sentido, talvez seja possível falar que a linguagem verbal poderia se desenvolver de modo mais significativo por meio da experiência de ouvir histórias.

Para ele, a experiência e a linguagem têm sua vivência concreta já na infância “[...] um *experimentum linguae*<sup>4</sup> no sentido próprio do termo, em que aquilo de que se tem experiência é a própria língua” (2014, p. 11), ou seja, adquirir experiência por meio da própria linguagem. A partir disso, é notável que a sua reflexão sobre a “infância muda” deve ser interrogada, já que, para ele, a linguagem proporciona vida e experiência à criança. “Neste sentido, aquilo de que no *experimentum linguae* se tem experiência não é simplesmente uma impossibilidade de dizer: trata-se, antes, de uma impossibilidade de falar a partir de uma língua, isto é, de uma experiência.” (2014, p. 14). O autor reflete sobre o fato de que a linguagem infantil, apesar de não ser ainda aquela que se materializa por meio de uma língua, é uma linguagem da experiência.

Agambem considera a infância uma fase em que o indivíduo possui uma grande potência de viver o imprevisível e por isso, a infância não deve ser vista como uma fase sem importância, muda, sem fala, “a infância encontra o seu lugar lógico em uma exposição da relação entre experiência e linguagem.” (2014, p. 11). A criança tem a sua importância para a sociedade e uma notável significação para o mundo.

Agambem busca relações com a experiência transcendental de Kant<sup>5</sup>. Neste livro, o autor cria conexões com a experiência e a linguagem de Kant ao conceituar

---

<sup>3</sup> Do Latim *Infantia*, ae que significa incapacidade de falar

<sup>4</sup> Uma experiência que se sustenta somente na linguagem.

<sup>5</sup> Principal filósofo da era moderna. Para ele, todo conhecimento era fruto de uma experiência.

que: “[...] os limites da linguagem não são buscados fora da linguagem, na direção de sua referência, mas em uma experiência da linguagem como tal [...]” (2014, p. 12), ou seja, para ele, o que constitui experiência é unificação da linguagem com a voz, ou então, do sujeito empírico (que observa) com o sujeito transcendental ou cognitivo (que pensa), colaborando, a partir disso, para o surgimento da ciência moderna. Agambem (2014) reitera: o sujeito transcendental executa o papel de locutor, já o pensamento moderno parte da ideia de que o sujeito da linguagem verbal é o fundamento tanto da experiência, quanto do conhecimento.

Outrossim, Agambem reflete que “[...] a experiência agora é definitivamente algo que se pode apenas fazer e jamais ter” (2014, p. 44). Para ele, a experiência acabou se transformando em experimento e o homem visto apenas como um ser racional. “[...] o experimento da razão pura não poder ser outro senão o *experimentum linguae*, que se funda somente na possibilidade de nominar tais objetos transcendentais por meio do que Kant chama de ‘conceitos vazios sem objeto’ [...]” (AGAMBEN, 2014, p. 12). Por isso, o estudo de Agambem é direcionado para discutir e analisar como é promovida a experiência do homem, podendo ser construída a partir do início da sua formação como indivíduo social, ou seja, a partir da sua infância.

### **1.1 Cantar e contar histórias para crianças**

A criança tem contato com as narrativas já em seus primeiros dias de vida por meio de músicas ou “canções de ninar”, que, logo depois, são substituídas pelas cantigas de roda. Cantar e contar histórias para crianças é uma atividade que envolve o ambiente familiar e o cotidiano do espaço da pré-escola, Ouvir histórias é uma experiência recheada de significados e muito importante para o processo de formação da criança. “[...] pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.” (ABRAMOVICH, 1995, p. 17). A contação de histórias, resgatando os movimentos da performance da tradição oral, possibilita à criança o desenvolvimento de novas ideias, estimula o imaginário, os sentimentos, as emoções, permitindo-lhe uma descoberta de mundo.

Como já visto em “O Narrador”, a pessoa que conta a história é uma figura essencial. Com sua performance, ao utilizar a memória, o texto e a ação, é quem

pode proporcionar à criança a possibilidade de viver experiências por meio das narrativas. Zilberman define o narrador da seguinte maneira,

O narrador consiste uma figura-chave ao exercer atividades desencadeadoras da narrativa, pois ao proporcionar situações imaginárias favorecendo a fantasia, ele está criando um cenário no qual o herói resolve dilemas pessoais ou sociais. Além de o narrador desencadear a ativação do imaginário das crianças, ele precisa dar coerência na história e nos conflitos que apresentam o conto. (ZILBERMAN, 2003, p. 84)

As narrativas desenvolvem potenciais da criança, levando-a a vivenciar suas fantasias, sonhos e experiências de grandeza humana. O simbolismo implícito nas tramas ficcionais e nas imagens de personagens é capaz de agir em seus sentimentos, possibilitando que, pouco a pouco, a resolução de conflitos normais nessa fase da vida seja efetivada.

Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. A literatura (e, portanto, a literatura para a juventude) é portadora de um sistema de referências que permite a cada leitor organizar sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria (FARIA, 2010, p.19).

Ainda sobre a arte de narrar histórias, Walter Benjamin (1994, p. 206) compara a atividade com a arte desenvolvida por um artesão. Para ele, é um ofício artesanal que exige paciência e tempo. Segundo ele: “A narrativa tem gravadas as marcas do narrador, tal como o vaso de barro traz as marcas da mão do oleiro que o modelou”. Benjamin prossegue: “A narrativa... [...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (1996, p.221), pois o ouvinte adquire experiências únicas, que são fruto dos enredos das narrativas e da ação de narrar. Para Walter Benjamin, é uma prática “típica de artesão”, pois incorpora a utilização síncrona da alma, do olho e da mão. Assim ele define a utilização do gesto no processo da narrativa: “Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos... que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.” (1994, p. 221). Ele reitera apontando os aspectos estéticos da arte: “O próprio Leskov considerava essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual. A ‘literatura’, diz ele em uma carta, “não é para mim uma arte, mas um trabalho manual”. É a performance e a experiência que definem o resultado do trabalho. (1994, p. 206).

### Sobre a arte de narrar performática, Paul Zumthor complementa que

O texto se apresenta como produção do corpo, do gesto da voz, canalizando a teatralidade de antigas culturas e as de nosso tempo. Fica sendo tudo em grande conjunto, em que a permanência se faz marcada pelo que demais rico traz... a experiência humana: a dimensão emotiva da comunicação, o alcance dos princípios que garantem – a plenos sentidos – uma presença corpórea, memória imperecível, toda vez que se presentifica. (ZUMTHOR, 1993, p. 289)

A arte performática aqui apresentada refere-se ao fato de o narrador desenvolver uma ação entrelaçada entre corpo e alma, e o ouvinte se integrar a ela, absorvendo-a e traduzindo-a para a sua própria história. Para Zumthor “na situação performancial, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília”. (ZUMTHOR, 1993, p. 80). O narrador, dessa maneira, ao expor o simbolismo do desejo de contar, envolve a plateia, produzindo uma conexão entre contador e ouvinte.

Os contos de fadas, ao serem narrados, encantam seu público ouvinte e, na perspectiva da infância, é possível afirmar que têm grande potencial para estimular a criança a viver aventuras tanto por meio da linguagem, como de aspectos simbólicos que são experienciados na linguagem e pela linguagem e dos efeitos que as narrativas podem promover. Walter Benjamin (1994) diz que essas narrativas trazem consigo experiências e vivências que podem traduzir significados para a vida do ouvinte, contribuindo para descobertas da condição humana. Em suas palavras: “[...] independentemente do papel elementar que a narrativa desempenha no patrimônio da humanidade, são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos”. (1994, p. 214). Por meio delas, é possível transmitir valores de uma cultura à qual a criança já pertence, sendo uma forma de reforçar determinados comportamentos e atitudes presentes em nossa sociedade. Walter Benjamin discorre a respeito,

O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico. O personagem do “tolo” nos mostra como a humanidade se fez “tola” para proteger-se do mito; o personagem do irmão caçula mostra-nos como aumentam as possibilidades do homem quando ele se afasta da pré-história mítica; o personagem do rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo mostra que as coisas que tememos podem ser devastadas; o personagem “inteligente” mostra que as perguntas feitas pelo mito são tão simples quanto as feitas pela esfinge; o personagem do animal que socorre uma criança mostra que a natureza prefere associar-se ao homem que ao mito. (1994, p. 215)



A criança explora sensações e vivencia emoções em parceria com as personagens das histórias, encontrando significados e relações com sua própria vida. “A contação de histórias pode ser de maneira lúdica, fácil, e subliminar, porque ela atua sobre seus pequenos leitores, levando-os a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia.” (COELHO, 2003, p. 123). Isso mostra que a relação da criança com o universo da literatura pode ser prazerosa.

Antes de tratarmos do surgimento da literatura infantil em formato de livro, é importante entendermos o processo de transição da oralidade para a escrita. A tradição oral como experiência da narrativa surgiu antes da escrita.

No Brasil, a literatura infantil organizada em forma de livro surgiu no final do século XIX. O país passava por mudanças, deixava o regime monárquico para tornar-se republicano e utilizou-se da educação para propor e criar uma sociedade em ascensão. No final do século XX, foi consolidada a importância da literatura infantil na formação de pequenos leitores. “É como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências, que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura de mundo.” (CADEMARTORI, 2010, p. 8).

Os livros para o público infantil sofreram grandes transformações com o passar do tempo. A partir do século XX, surgiram as interações entre as linguagens visual e verbal, em que imagens e palavras dividem a atenção do leitor, proporcionando novas possibilidades de experiências estéticas à criança.

A literatura infantil é endereçada às crianças, desenvolvida e escrita para elas, para ser contada para elas e para ser lida por elas. A contação de história, quando bem realizada, encanta aquele que ouve, seja criança ou adulto.

Para o desenvolvimento das contações de histórias com base nas narrativas dos livros de literatura infantil, é importante ter cuidado ao escolher obras em que os elementos que as compõem estejam de acordo com a competência de leitura do leitor. Também deve haver preocupação com a idade do leitor, assim, é possível adequar a estrutura ao estilo das linguagens visuais e verbais. Há que se ter um cuidado ao selecionar os temas a serem narrados, de modo a corresponder às expectativas das crianças. Sobre isso, consta no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil que

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (Referencial Curricular Nacional da Educação infantil, 1998, p. 140).

O professor ou contador de histórias deve possuir algumas habilidades e técnicas para conseguir prender a atenção do seu público infantil. Cademartori (2010, p. 17) considera que “as obras infantis que respeitam seu público são aquelas cujos textos têm potencial para permitir ao leitor infantil possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que lê”. Antes de ser um contador, o indivíduo precisa ser um apreciador de histórias, ter um repertório delas, seja na memória ou em formato de livro, deve antes de iniciar a ação, apropriar-se da história para planejar e criar mecanismos de dramatização da voz dos personagens, que estimulem o envolvimento da criança ouvinte, despertando emoções e sentimentos, deve saber escolher a história a ser narrada de acordo com o público, avaliando o grau de interesse e maturidade para absorção do enredo.

Por isso, reiteramos que o processo de contação de história pode ser definido como um jogo de performance, em que se faz presente a voz e o gesto. “Do jogo poético, o instrumento (em ausência da escritura) é a voz” (ZUMTHOR, 1993, p. 240). Essa reflexão sobre o jogo de performance, é complementada por Johan Huizinga a seguir.

As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar... Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado da natureza. (2018, p.7)

Na concepção de Johan Huizinga, o mito também pode ser representado pelo jogo, porém com uma perspectiva diferenciada. Para ele, o mito é caracterizado como imaginação do mundo exterior, no entanto, se trata de um processo mais elaborado. Huizinga explica que “o homem primitivo procura, através do mito, dar conta do mundo dos fenômenos atribuindo a este um fundamento divino” Prossegue a conceituação: “É no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a

indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primitivo do jogo”. (2018, p.7).

Huizinga considera que jogo está diretamente relacionado com a cultura e com as manifestações sociais e sagradas e é processado num espaço físico ou de tempo. “Todo jogo se processa e existe no interior de um campo, previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea”, ou seja, o jogo é inserido em um “mundo temporário dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial”. (2018, p.13).

O jogo, conforme Huizinga conceitua, tem a função de representação de alguma coisa. Ele afirma: “Representar significa mostrar, e isto pode consistir simplesmente na exibição, perante um público, de uma característica natural” (2018, p.17). Ao relacionar o ato de representar com a criança, é possível dizer que existe um elevado grau de imaginação incorporado na ação. A criança vive a fantasia, vive o jogo do faz de conta. No processo de representação, “a criança fica literalmente transportada de prazer, superando-se a si mesma a tal ponto que quase chega a acreditar que realmente é esta ou aquela coisa, sem, contudo, perder inteiramente o sentido da realidade habitual.” (HUIZINGA, 2018, p. 17).

É possível relacionar o jogo com a representação sagrada, ou seja, tal representação é fruto de um ritual, de uma ação. “A matéria desta ação é um drama, isto é, uma vez mais, um ato, uma ação representada num palco... o rito, ou ritual, representa um acontecimento cósmico, um evento dentro do processo natural”. (2018, p. 18). Portanto, o ritual, é uma representação de dramatização sagrada, por isso, podemos definir a semelhança entre jogo e ritual. Huizinga continua sua reflexão: “É nos domínios do jogo sagrado que a criança, o poeta e o selvagem encontram um elemento comum” (2018, p. 30), ou seja, a experiência de viver uma vida cotidiana, “[...] para um mundo onde reina algo diferente da claridade do dia: o mundo do jogo.”. (2018, p. 30).

Diante dessa análise performática, é possível propor algumas sugestões para que a atividade seja ainda mais cativante, indo além da oralidade. Pode-se utilizar a ludicidade para que a produção seja mais interessante para a criança, como, por exemplo: a dramatização de cenas, a utilização de fantoches, de dedoches, de fantasias para interpretar personagens, além do uso da entonação da voz para representar emoções e situações e de medo, raiva, alegria. Para

Zumthor “[...] cada performance torna-se, por isso, uma obra de arte única, na operação da voz [...]” (1993, p. 240). A performance, representada nas narrativas por meio da voz e do corpo, caracteriza-se pela dramatização do gesto. Zumthor prossegue: “Quando um poeta ou seu intérprete canta ou recita (seja o texto improvisado, seja memorizado), sua voz, por si só, lhe confere autoridade. O prestígio da tradição, certamente, contribui para valorizá-lo; mas o que integra nessa tradição é a ação da voz.” (1993, p. 19).

Pode-se também introduzir músicas e cantigas em alguns momentos ao explorar o enredo das narrativas, além de planejar o desenvolvimento de narrativas em espaços em que o ambiente seja aconchegante e harmonioso, possibilitando que a plateia participe e faça pequenas interferências ao longo da exposição da história. Paul Zumthor, em *A letra e a voz*, dialoga sobre a importância de relacionar gesto e voz na expressão oral, ao dizer que

Um laço funcional liga de fato à voz o gesto: como a voz, ele projeta o corpo no espaço da performance e visa a conquistá-lo, saturá-lo de seu movimento. A palavra pronunciada não existe (como o faz a palavra escrita) num contexto puramente verbal: ela participa necessariamente de um processo mais amplo, operando sobre uma situação existencial que altera de algum modo e cuja totalidade engaja os corpos dos participantes. (ZUMTHOR, 1993, p. 244)

É por meio das interações com as histórias que a criança trabalha suas emoções, imaginação e sentimentos mais íntimos, oportunizando, assim, uma forma de resolver suas angústias e conflitos internos. Por meio da fantasia proporcionada pelo enredo da narrativa, a criança vivencia sentimentos que despertam a sua capacidade para a resolução de seus problemas. Trabalhar a repetição das histórias narradas pode impactar de forma positiva, pois faz a criança pensar em algo novo sempre que a ouve novamente. Lembramos, que a mesma narrativa pode ser contada de diferentes maneiras. A esse respeito, lemos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil que,

A repetição da história contada é sempre positiva, a criança sempre observa algo novo após a contação. Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (RCNEI, VOL. 3, p.143).

O gênero literário de literatura infantil aponta que as histórias têm uma notável representação na vida das crianças. Coelho (1991, p. 5) diz que literatura infantil significa “[...] a abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro etc”.

A criança, ao ter acesso à literatura, desenvolve a leitura por meio do emocional ao exprimir os sentimentos que a história promove, sejam eles pelo aspecto sensorial, ao explorar texturas e manipular o livro físico, quanto pelo aspecto racional, ao promover a construção do conhecimento e reflexão produzida pelo contexto da história.

## **1.2 Narrar Contos de Fadas**

Os contos de fadas são narrativas do gênero da literatura infantil clássica, passadas de geração em geração, sempre encantam leitores de todas as idades. Pertencem ao universo da cultura popular e eram transmitidos pela oralidade, conforme descrito por Nelly Novaes Coelho: “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”.(2003, p.21) Ainda sobre a tradição oral, Paul Zumthor quando se refere à oralidade, que talvez seja uma marca distintiva de um gênero que é anterior à escrita, quer porque está enraizada nos mitos e lendas, quer porque vindo de comunidades que não tinha a escrita à disposição e relaciona-a ao processo de movência ou à adaptação das histórias, já que refere-se a fato histórico real, perfazendo uma tradição histórico-social inserida nessas narrativas

Por “índice de oralidade” entendo tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua publicação – quer dizer, na mutação pela qual o texto passou, uma ou mais vezes, de estado virtual à atualidade e existiu na atenção e na memória de certo número de indivíduos. (ZUMTHOR, 1993, p. 35)

Ao serem narrados na primeira infância, os contos de fadas possibilitam descobertas do homem e de seu lugar mundo. Há histórias de populações, com seus respectivos costumes e culturas que abordam questões sociais e culturais e

que são capazes de traduzir valores morais e éticos e inquietudes da condição humana. Assim considera Ana Maria Machado,

Os contos de fadas pertencem ao gênero literário mais rico do imaginário popular. Essas histórias funcionam como válvula de escape e permitem que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais feliz dessa experiência. (2002, p. 74).

São histórias compostas por enredos que percorrem o imaginário social ao abordar sentimentos comuns a todos indivíduos e surgem a partir da necessidade de o homem compreender os fenômenos que permeiam a condição da vida humana. Enquadram-se na categoria literária do maravilhoso, trazem mitos engendrados que representam um mundo onde tudo é possível e os elementos sobrenaturais apresentam-se naturalizados.

Coelho (2003) complementa essas considerações,

[...] em geral, povoados por personagens que representam, simbolicamente, valores e estruturas sociais arcaicas. Nesse mundo, convivem seres maravilhosos (fadas, bruxas, anões, gigantes, ogres); seres superiores, privilegiados pela realeza (reis, rainhas, príncipes, princesas...) e seres inferiores, ou seja, plebeus, que exercem funções consideradas “servis” (servos, servas, amas, escudeiros, lacaios, guardas, mercadores, gente do povo em geral) (2003, p.95).

A princípio, os contos eram destinados a mulheres, homens e crianças. Todos se reuniam para ouvir histórias sobre as tradições e os valores de diferentes culturas. Por meio delas e das experiências vivenciadas pelas personagens, muitos portais são abertos para vivificação de verdades humanas, às vezes, ocultas e armazenadas no inconsciente dos indivíduos, trazendo significados e valor simbólico para os dilemas existenciais. Essas narrativas guardam valores cuja apreensão permite à criança uma percepção do real em suas múltiplas significações presentes no mundo social. Para Nelly Novaes Coelho (2003, p.45) “[...] toda grande obra literária que venceu o tempo e continua falando ao interesse de cada nova geração atende a outros motivos particulares que, como os que atuaram em sua origem, são decorrentes de uma verdade humana”.

Além de formar, informar, compartilhar saberes e principalmente afeto, essas narrativas transmitem valores e abordam assuntos relacionados a perdas, fome, morte, medo, violência e auxiliam a criança a lidar com esses conflitos. “Num conto

de fadas, os processos interiores são exteriorizados e representados pelas personagens da história e por seus incidentes.” (BETTELHEIM, 1996, p. 35)

Charles Perrault foi um dos responsáveis pela tradução de várias narrativas da tradição oral para a tradição escrita. Nasceu em 1628, em Paris, França, publicou no século XVII a primeira coletânea dos contos populares franceses, *Histórias ou Contos do Tempo Passado com fundo Moral* e subtítulo *Contos da Mamãe Gansa*. O livro tornou-se mais conhecido pelo subtítulo. O autor utilizou a figura da Mamãe Gansa por ser uma das principais personagens do folclore europeu. A personagem reunia as crianças da aldeia para contar histórias mágicas, transformadas, posteriormente, em contos de fadas pelo autor. O livro reproduz narrativas populares que foram trabalhadas por ele e tornaram-se uma das obras-primas da literatura universal. Não por acaso, Perrault é reconhecido como o pai da Literatura Infantil, pois sua obra alcançou diversas nacionalidades, etnias e culturas. Na sociedade ocidental, por exemplo, é praticamente impossível não conhecer os contos que foram adaptados pelo autor. Afinal, quem nunca ouviu ou leu as histórias do *Gato de Botas*, do *Pequeno Polegar* ou da *Cinderela*<sup>6</sup>.

No século XVII, na Alemanha, os irmãos Jacob, nascido em 1785 e Wilhelm Grimm, nascido em 1786, ambos de Hanau na Alemanha, publicaram a *Antologia dos Contos de Fadas* – em dois volumes. Os irmãos Grimm, como ficaram mais conhecidos, desenvolveram um trabalho de relevância ao coletar e preservar histórias que pertenciam ao imaginário popular para transformá-las no gênero literário infantil que ganhou o mundo e se expandiu pela Europa e pelas Américas.

As narrativas recolhidas e adaptadas pelos Irmãos Grimm influenciaram outros autores, como o dinamarquês Hans Christian Andersen, um dos mais celebrados escritores do gênero. Os contos reuniam elementos imaginários para trabalhar conceitos de moralidade e ética. O maravilhoso, na Literatura Infantil, sobrepõe-se ao realismo social, pois traz às narrativas, a ludicidade e o elemento da fantasia próprio da criança. Basta pensar no conto *Chapeuzinho Vermelho* e nos elementos imaginários que surgem, propositalmente, no texto como importantes figurações para dialogar com as crianças. Isto fica evidente na exploração do personagem lobo mau (animal humanizado), antagonista da história. Nesta

---

<sup>6</sup> Os contos citados aparecem no livro *Contos da Mamãe Gansa*. Livro em que Charles Perrault reuniu 8 histórias, contadas pelo povo.

perspectiva, Coelho (2003) discorre sobre a magia dos elementos inseridos nas histórias.

Reis, rainhas, princesas, príncipes, fadas, bruxas, maternidades falhadas ou concepções mágicas, heróis desafiados por grandes perigos para conquista do seu ideal, objetos mágicos, duendes anões, tesouros ocultos, dragões, gigantes, provas iniciáticas são, em essência, arquétipos ou símbolos engendrados pelos mitos de origem. São formas de comportamentos humanos, situações, desígnios, forças malignas ou benignas a serem enfrentadas na Aventura Terrestre a ser vivida pelos seres humanos, isto é, cada um de nós. (COELHO,2003, p. 94)

Em suma, a criança da educação infantil identifica-se mais com contos de fadas, sobretudo, porque trazem em si o maravilhoso como elemento principal para criar diálogo com o mundo real. Para Walter Benjamin, o conto de fadas é o primeiro conselheiro das crianças, como também da humanidade. Salienta que “o primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda, em caso de emergência.”(BENJAMIN,1994, p. 215).

Os contos de fadas estão intimamente ligados à literatura infantil desde o seu surgimento. Além disso, suas características e formas narrativas atraem o interesse da maior parte das crianças, podendo, assim, contribuir para a construção de valores éticos e morais. Na concepção de Coelho (2003), por meio dos contos de fadas, é possível despertar nas crianças o prazer em ouvi-los, e isso é importante para sua formação, pois estimula a criatividade, a imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita, a música, o querer ouvir novamente, desenvolvendo, dessa forma, a oralidade nas crianças da etapa da educação infantil; enfim, o conto de fadas é considerado como um importante e significativo veículo de comunicação entre elas.

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes como raiva, tristeza, irritação, bem-estar, medo, alegria, pavor, insegurança, tranquilidade, entre outras, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez, ou não brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 1995, p.17)

Os enredos dos contos de fadas agradam à criança e proporcionam liberdade para que ela amadureça no processo de construção da sua formação pessoal e social. O professor, no ambiente educacional, precisa estar preparado



para conduzir e provocar nas crianças vivências que fortaleçam o processo de amadurecimento. Nessa vertente, Bettelheim (1996, p. 13) aponta que “para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação”.

Os contos de fadas, por terem uma diversidade de sentidos e representarem riqueza cultural, abrangem diversas áreas de conhecimento, como a literatura, a filosofia, a história, a sociologia, a psicologia, a psicanálise etc.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica [...] É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1995, p. 15).

A tradição aqui abordada representa a memória das narrativas que ultrapassam as gerações. Podemos citar o conto “Bicho de Palha”, de Câmara Cascudo, como exemplo dessas narrativas. É uma versão adaptada do conto Cinderela, analisada no capítulo 4 deste estudo. Paul Zumthor denomina esse processo de deslocamento das narrativas tradicionais de *movência* “[...] quando a voz é seu instrumento, é também por natureza, o domínio da variante[...]” (1993, p. 144), ou seja, para ele *movência* significa criação contínua.

Sobre a conservação da memória e da tradição conceituada como *movência*, Malba Tahan complementa: “[...] até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas.” (1957, p.24)

A magia que reveste o imaginário das narrativas fascina porque cria diálogo com o vivido, o que faz muito sentido para a vida real e afetiva das crianças. Trataremos disso no próximo capítulo, no qual será realizada também uma análise das concepções sobre o imaginário nas perspectivas de Jung e von Franz e como as imagens simbólicas inseridas nos contos de fadas podem promover ensinamentos sobre a condição humana.

Por mais que os séculos passem, os contos de fadas continuarão resistindo ao tempo, encantando leitores e ouvintes. Hoje, circulam em diferentes códigos, linguagens e suportes.

No próximo capítulo, veremos que contos de fadas são narrativas com enredos repletos de mitos, arquétipos e símbolos, cujas representações podem ser pautadas nos estudos do imaginário de Gustav Carl Jung e Maria Louise von Franz,

que compreendem os fenômenos da condição humana e o conhecimento do interior do indivíduo.

## 2 CONTOS DE FADAS, IMAGINÁRIO E FORMAÇÃO DA CRIANÇA

No segundo capítulo, “Contos de fadas, imaginário e a formação da criança”, elegemos os estudos do imaginário na perspectiva de Carl Gustav Jung e Marie Louise von Franz para compreender processos psíquicos despertados pelos contos de fadas, o que pressupõe explorar o significado de inconsciente coletivo, de mitos, símbolos, arquétipos, entre outras contribuições investigativas de referencial teórico acerca dos contos de fadas e da literatura infantil.

Os contos de fadas, segundo Nelly Novaes Coelho (2003), são histórias de origem celta que valorizam questões espirituais, éticas e existenciais e que têm, como propósito compreender os fenômenos que estão relacionados à condição da vida humana e ao conhecimento interior do indivíduo. Complementando, Nelly Novaes Coelho (2003, p. 21) escreve: “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”.

São narrativas que possuem entre outras perspectivas, por meio da psicologia analítica junguiana, o que constitui nossa proposta.

Sobre o surgimento dos contos de fadas, na perspectiva do imaginário, Maria Louise von Franz relata: “Pelos escritos de Platão, sabemos que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas”. (1981, p. 17), por isso, desde então, são narrativas que contribuem para a formação da criança. Von Franz, em seus estudos sobre a origem dos contos de fadas, pontua que

Na antiguidade, Apuleius, um escritor e filósofo do 2º século d.C., escreveu sua famosa novela *O asno de Ouro*, um conto de fadas chamado *Amor e Psyche*, uma história do tipo *A Bela e a Fera*. Este conto de fadas tem o mesmo padrão daqueles que se pode ainda encontrar, hoje em dia, na Noruega, Suécia, Rússia e muitos outros países. Consequentemente, pode-se ao menos concluir que este tipo de contos de fadas (da mulher que redime seu amado da forma animal) existe praticamente inalterado há 2.000 anos. (1981, p.17)

Já na Europa, no inverno, as populações agrícolas se distraíam e se entretiam ao contar e ouvir contos de fadas. Por isso, tornou-se uma atividade essencial de ocupação espiritual. Von Franz (1981) relata que o interesse científico pelas narrativas surgiu a partir do século XVIII, com estudos de Winckelmann, Haman e J. G. Herder. Ela escreve: “Herder dizia que tais contos continham as remanescências de uma velha crença há muito enterrada, expressas nos

símbolos.” (1981, p. 18)

Insatisfeitos com a falta de explicações nos ensinamentos cristãos e religiosos, os Irmãos Grimm despertaram o interesse por uma sabedoria instintiva e terrena e passaram a colecionar contos folclóricos que, ao serem publicados, obtiveram êxito e deram início a sucessivas versões dos contos. Von Franz continua relatando: “De repente todo mundo estava perplexo com o número enorme de temas que se repetiam.” (1981, p. 19). Ou seja, a tradição da movência do texto, já abordada neste trabalho por Paul Zumthor, refere-se às narrativas que mesmo com adaptações, as histórias continuam a persistir nos tempos, ou seja, o mesmo tema passa a ser recontado em várias coleções, em diferentes países.

Paralelamente, surge a escola simbólica, que tinha como objetivo estudar sobre a finalidade dos mitos inseridos nos contos de fadas. Posteriormente, para atender à perspectiva histórica e científica, um estudo é iniciado com o objetivo de entender a repetição dos temas. Von Franz (1981) diz que, nessa época, ainda não existia interesse sobre o inconsciente coletivo comum ou entendimento da psique humana; mas, ao mesmo tempo, pesquisas começaram a ser realizadas com o propósito de descobrir onde os contos de fadas surgiram e quando migraram.

Por volta do século XIX, a pesquisa toma outra direção. Von Franz (1981) aponta, então, Ludwig Laistner, autor de *Das Rätsel der Sphinx* (1889), salientando que: “A sua hipótese era que os temas básicos dos contos de fadas e folclóricos derivam de sonhos”. Porém, o foco dele era trabalhar com pesadelos. “Basicamente o que tenta fazer é mostrar uma ligação entre a ocorrência repetida de sonhos típicos e temas folclóricos, apresentando um material interessante para provar seu ponto de vista”. (1981, p. 21)

Desde então, muitos estudos e movimentos de relevância foram criados para investigar sobre a trajetória da tradição oral dos contos de fadas, sobre os sonhos, os símbolos e mitos inseridos nas narrativas. Von Franz (1981) afirma que os contos de fadas surgiram a partir de experiências individuais de algum conteúdo presente no inconsciente. “Nas sociedades primitivas praticamente nenhum segredo é guardado, ampliando-se por outros temas folclóricos existentes que a completam.” (1981, p. 35). Transformando-se, posteriormente, em representações do inconsciente coletivo, criam direcionamentos para as histórias, mantendo vivos os contos até a atualidade. “Estes eventos psicológicos, que sempre atingem um

indivíduo em primeiro lugar, são, no meu modo de pensar, o ponto de partida e ao mesmo tempo o fator que mantém vivos os temas folclóricos.” (FRANZ, 1981, p. 35)

Essas narrativas, ao se adaptarem a certas localidades, foram denominadas por saga, como explica a autora. “[...] quando uma história está enraizada em algum lugar, ela é uma saga local; e, quando ela vagueia como uma planta aquática sem raízes, adquire a característica abstrata de um conto de fadas [...]” (FRANZ, 1991, p. 36)

Von Franz, em *A interpretação dos contos de fadas* (1981), ao relatar sobre a trajetória dessas narrativas, aborda o fato de existirem muitos trabalhos não científicos e ilegítimos sobre mitologia e arquétipos nos contos de fadas. Para ela, “quando se aborda um arquétipo dessa maneira, qualquer fato pode levar a tudo... e, então, você acaba se perdendo no caos das interconexões e dos significados sobrepostos que todas as imagens arquetípicas têm umas com as outras.” (1981, p. 23). Von Franz relata que Jung aborda esse assunto em seus trabalhos. Para ele, esse fato é tratado como um despreço ao relacionar fatores afetivos-emocionais presentes nas imagens. Von Franz reforça o conceito, ao dizer que

Uma imagem arquetípica não é somente um pensamento padrão... mas ela é, também, uma experiência emocional – a experiência emocional de um indivíduo. Só se essa imagem arquetípica tiver um valor emocional e afetivo para o indivíduo ela poderá ter vida e significação. (1981, p. 24)

A partir do estudo sobre os mitos e os arquétipos inseridos no imaginário dos contos de fadas, Jung ensina que

Hoje podemos permitir-nos pronunciar a fórmula de que os arquétipos aparecem nos mitos e contos de fadas, bem como no sonho e nos produtos da fantasia psicótica. O meio que os contém é, no primeiro caso, um contexto de sentido ordenado e quase sempre de compreensão imediata, mas, no segundo caso, uma sequência de imagens geralmente incompreensível, irracional, delirante que, no entanto, não carece de uma certa coerência oculta de sentido (2000, p.155)

Em consonância, Von Franz (1981 p. 15) aponta que “os contos de fadas são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo, eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa”. Ou seja, os contos, além de entreter, refletem vários tipos de questões, entre elas as existenciais e as sociais produzidas e reproduzidas pelo ser humano.

## 2.1 Contos de Fadas: mitos, símbolos, arquétipos e inconsciente coletivo

Para entender o significado de mitos, símbolos, arquétipos e inconsciente coletivo presentes nos contos de fadas, auxiliam-nos as ideias de Carl Gustav Jung, Maria Louise von Franz e Nelly Novaes Coelho. Iniciamos com o que Nelly Novaes Coelho nos apresenta: “Mitos nascem na esfera do sagrado; arquétipos correspondem à esfera humana e símbolos pertencem à esfera da linguagem, pela qual mitos e arquétipos são nomeados e passam a existir como verdade” (2003, p. 85). Mitos e arquétipos compõem a matéria-prima das narrativas dos contos, ou seja, as representações e os símbolos incorporam a linguagem a ser expressa, tornando as histórias comunicáveis e significativas para o ouvinte ou leitor. Von Franz reitera: “Pode-se, então, dizer que a estrutura básica ou que os elementos arquetípicos de um mito são construídos numa expressão formal, que se liga ao inconsciente coletivo cultural da nação na qual se originou [...]” (1991, p. 37), podendo, muitas vezes, ser interpretado de maneira mais fácil, pois os mitos são menos fragmentados.

Sobre o inconsciente coletivo, na concepção de Jung, é fornecida a seguinte definição: “[...] é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal [...]” (2000, p. 53). Prosseguindo: “O inconsciente é considerado geralmente como uma espécie de intimidade pessoal encapsulada, mais ou menos o que a Bíblia chama de “coração” considerando-o como a fonte de todos os maus pensamentos” (2000, p. 30), ou seja, são os anseios e sentimentos mais íntimos que moram nas profundezas do interior do indivíduo. Já a consciência, Jung (2000, p. 30) define da seguinte maneira: “[...] parece ser essencialmente uma questão de cérebro, o qual vê tudo, separa e vê isoladamente, inclusive o inconsciente.” Jung (2000) diz que a psique, o inconsciente, aponta caminhos.

Ainda no livro *A interpretação dos contos de fadas*, von Franz destaca que, em uma história, é importante observarmos os seguintes pontos: lugar, tempo, personagens, problemática, desenvolvimento da trama e o desfecho da narrativa. A partir dessas observações, as imagens arquetípicas podem ser analisadas e, conseqüentemente, o processo de manifestação dessas imagens ancestrais

presentes no inconsciente coletivo. Sobre isso, a autora faz a seguinte consideração.

[...] todos os contos de fadas tentam descrever apenas um fato psíquico, mas este fato é tão complexo, difícil e distante de se representar em seus diferentes aspectos, que centenas de contos e milhares de versões (com variações musicais), são necessárias até que esse fato desconhecido penetre na consciência, sem que isso consiga exaurir o tema. Este fato desconhecido é o que Jung chama de *SELF*, que é a totalidade psíquica de um indivíduo e também, paradoxalmente, o centro regulador do inconsciente coletivo. Cada indivíduo e cada nação têm suas próprias formas de experimentar esta realidade psíquica. (FRANZ, 1981, p.16)

As imagens míticas, engendradas nos contos por meio de uma linguagem simbólica, podem expressar forças da natureza (sol, chuvas, tempestades, noite), nascimentos, doenças, mortes, circunscrevendo situações existenciais associadas à esfera do sagrado. Nelly Novaes Coelho (2003, p.88) conceitua: “O Mito (a criação literária), construído pela imaginação, responde pela zona obscura e enigmática do mundo e da condição humana, zona inabarcável pela inteligência”. Para compreender melhor a representação do mito simbolizado nos contos de fadas por meio dos fenômenos da natureza, veremos o que Jung (2002) relata.

Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas, etc., não são de modo algumas alegorias destas experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção – isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza (JUNG, 2002, p. 18)

Os arquétipos representam os impulsos irracionais que emergem do inconsciente, mobilizando as atitudes e o comportamento humano. Tudo que é do humano tem uma visão arquetípica. Assim, afirma Jung (2002, p. 217): “Para tanto, é necessária – não só no conto de fadas, mas na vida em geral – a intervenção objetiva do arquétipo que neutraliza a reação puramente emocional através de uma cadeia de confrontações e conscientizações internas” e von Franz complementa (1981, p. 17) “um arquétipo é um impulso psíquico específico que produz seus efeitos como um único raio de irradiação e, ao mesmo tempo, um campo magnético expandindo-se em todas as direções”.

Referindo-se aos arquétipos, representados por figuras ou personagens, Nelly Novaes Coelho acrescenta que

Limitando-nos à esfera da literatura, podemos definir arquétipos

como representações das *grandes forças* ou *impulsos da alma humana*: o instinto de sobrevivência, o medo, o amor, o ódio, o ciúme, os desejos, o sentimento do dever, a ânsia de imortalidade, a vontade de domínio, a coragem ou heroísmo, o narcisismo, a covardia, a inveja, o egoísmo, a luxúria, a fé (necessidade de crer num Ser Superior ou num Absoluto), a profunda ligação com a Mãe (o Feminino, a *Anima*), o respeito ou temor ao Pai (o Masculino, o *Animus*), a rivalidade entre irmãos[...] (COELHO, 2003, p.92)

Von Franz (1981), ratificando o pensamento sobre a psicologia junguiana, como fenômeno a ser enfatizado pela visão científica, apresenta a seguinte situação em seu livro *A interpretação dos contos de fadas* para elucidar a experiência arquetípica.

Se um indivíduo tem uma experiência arquetípica, por exemplo, um sonho confuso de uma águia entrando através da janela, isto não é somente um “modelo de pensamento” sobre o qual pode-se dizer: “Oh! sim, a águia é um mensageiro de Deus, e era um dos mensageiros de Zeus e de Júpiter, e na mitologia norte-americana a águia aparece como um criador, etc.” Fazer isto é intelectualmente bastante correto, pois se amplia o arquétipo, mas também negligencia toda a experiência emocional. Por que é uma águia e não um corno, não uma raposa, e não um anjo? Mitologicamente falando, um anjo e uma águia são a mesma coisa, um anjo, um mensageiro alado do céu, do além, do Deus Supremo; mas para o indivíduo que sonha, tem uma grande diferença se ele sonha com um anjo e tudo que isso significa para ele, ou se ele sonha com uma águia e suas reações positivas e negativas que tem a respeito da águia. Não se pode simplesmente desaperceber as reações emocionais daquele que sonha... Em termos intelectuais é a mesma coisa, mas emocionalmente há uma diferença. Então, não se pode ignorar o indivíduo e todo o contexto onde a experiência se dá. (FRANZ, 1981, P. 25)

Essa simbologia apresenta mensagens que estão inseridas no inconsciente da alma e que refletem para o exterior da vida do indivíduo e, desta maneira, conseguimos encontrar experiências que trazem impactos para o dia a dia dos seres humanos, principalmente ao expressar as suas emoções.

Ao diferenciar arquétipo de mito, Jung pontua: “No indivíduo, os arquétipos aparecem como manifestações involuntárias de processos inconscientes, cuja existência e sentido só pode ser inferido; no mito, pelo contrário, trata-se de formações tradicionais de idades incalculáveis.” (2003, p. 155). Ou seja, o mito possui origem em um mundo anterior, representa condições espirituais, com ensinamentos tribais, que são transmitidos pela oralidade, passados de geração para geração.



Os símbolos associados aos mitos e aos arquétipos dão origem à linguagem simbólica, ou seja, uma forma de comunicação por meio de figuras ou imagens, que se expressam por meio do imaginário. Nessa perspectiva, mencionamos Coelho a seguir.

Foi pela transformação dos mitos e arquétipos em *linguagem simbólica*, pois sem esta, eles não existiriam, que a Sabedoria da vida neles contida, pôde difundir por todo o mundo, transformada em contos (de fadas ou maravilhosos), em novelas de cavalaria, romances, cantigas [...] (COELHO, 2003, p.94)

O fundo arquetípico presente nos contos representa sentimentos complexos e organizados, sendo passível de compreensão pelas crianças. Os arquétipos presentes nos contos mostram que é natural ter sentimentos bons e pensamentos destrutivos. Por meio dos enredos das histórias e suas respectivas personagens, é possível exteriorizar o que se passa no interior do indivíduo, possibilitando o autoconhecimento, promovendo uma solução de conflitos internos e proporcionando melhor comunicação com o mundo.

Reis, rainhas, príncipes, fadas bruxas, duendes, objetos mágicos, profecias, obstáculos, ameaças, auxiliares, provas quase impossíveis de serem vencidas são símbolos de situações arquetípicas: vivências éticas, sociais, existenciais etc. que vêm sendo revividas desde a origem dos tempos, sob diferentes formas, em virtude do desejo de autorealização do *eu* em relação ao outro (ao mundo) que impulsiona o ser humano. (COELHO, 2003, p. 117)

Os símbolos e arquétipos presentes nessas narrativas ajudam a criança nos processos de descoberta e de conhecimento de si mesma e do outro, além de incentivá-la a nunca perder a esperança, ter coragem, enfrentar os medos e inseguranças, ter atitudes de solidariedade, de bondade, de amor e de compreensão de que o bem pode vencer o mal.

Nos contos de fadas, alguns arquétipos surgem de maneira mais clara e branda, em outros, aparecem mais obscuros. Segundo von Franz (1981), os arquétipos, os mitos, anima, animus e a sombra são conceitos junguianos e constituem a metáfora da chave, que, ao ser explorada nas narrativas, serve para abrir conexões, possibilitando que o indivíduo adquira conhecimento e uma visão de mundo mais ampla e equilibrada.

As narrativas abordam o processo de transformação, de mudança, de enfrentamento de medos e desafios. A criança também passa pelo mesmo

processo no decorrer de sua vida. Para Bettelheim (1996), embora situado na abordagem teórica freudiana, os contos proporcionam à criança uma maneira de colocar ordem no caos interno de seus pensamentos e sentimentos, fazendo com que ela se conheça e se entenda melhor. Por isso, essas narrativas, por meio do imaginário e sua rede simbólica, provocam na criança reflexões sobre o seu cotidiano e auxiliam no enfrentamento de suas dificuldades e fragilidades.

Em seu livro, *A sombra e o mal nos contos de fadas* (1995), von Franz, pondera que essas histórias, por espelharem a alma, estimulam a imaginação, possibilitando que o indivíduo crie relações com o passado e com o futuro, promovendo fantasias de situações que já aconteceram e de outras que talvez nunca ocorram.

Todavia, von Franz (1981) revela, em seus estudos sobre os contos de fadas, que a imaginação é fruto de histórias arquetípicas que se originam a partir de experiências individuais, armazenadas no inconsciente e se manifestam em sonhos ou em alucinações em estado de vigília e passam a fazer parte do indivíduo. É a alma se expressando pelas imagens.

## **2.2 A Linguagem simbólica dos Contos de Fadas e a formação da criança**

Questões relacionadas a valores éticos e morais podem ser despertadas por meio dos contos de fadas. É importante trabalhar esses valores com as crianças da primeira infância, por se tratar de uma fase em que a construção da personalidade está em processo de formação e eles podem contribuir para o estímulo da conduta ética e da valorização da condição humana.

As narrativas dos contos de fadas promovem uma reflexão sobre a vida, oferecendo à criança possibilidades de resolução de seus conflitos internos, de suas angústias, impasses, criando e recriando situações que a auxiliam na realização de seus desejos e objetivos.

A linguagem utilizada nessas narrativas é permeada pelo maravilhoso, de maneira que o sobrenatural se revela aceito com naturalidade pela criança. Habitualmente, as tramas iniciam com as seguintes frases “Era uma vez”, “Certa vez”, “Conta uma antiga lenda”, “Num certo castelo”, que convidam a abandonar o mundo concreto para ingressar no imaginário, permitindo, assim, que a criança faça parte da história como se estivesse vivenciando as aventuras, despertando seus

sentidos e emoções, motivando-a para ouvir, ler e reler as narrativas. Sobre esse pensamento, Dieckman nos explica que

“Era uma vez”. Assim começam geralmente para nós a maioria dos contos de fada, e então eles nos levam de volta a tempo distante e desde muito passado, no qual acontecem coisas extraordinárias, impossíveis para o pensamento racional, e aí existem monstros, bruxas, fadas e mágicos ou animais falantes. (DIECKMAN, 1986, p.14).

Esses aspectos dialogam com a forma simbólica de linguagem e de compreensão de vida que a criança apresenta. O mundo encantado, experienciado nas histórias permite-lhe a busca do seu interior ao mesmo tempo em que estabelece contato com o meio social em que vive.

Os contos, também, dimensionam valores sociais e morais principalmente do bem e do mal. Essa abordagem é de extrema importância para a formação da criança, tanto de seu caráter e personalidade, quanto de sua sociabilidade, pois está associada a comportamentos e atitudes que poderão impactar, de forma positiva ou negativa, a compreensão de si e de sua convivência social.

Diante dessa perspectiva, Coelho (2003) ensina que

Da existência desse fundo psíquico comum e inconsciente é que surgem os arquétipos, “matrizes arcaicas” que dão forma a impulsos psíquicos comuns a todos os homens, ou ainda “imagens”, as quais dão formas similares a vivências típicas (emoções, fantasias, medos etc.) suscitadas por fenômenos da natureza ou por experiências existenciais decisivas (com a mãe, com as relações homem-mulher, com o confronto de forças desiguais ou injustas etc). (COELHO, 2003, p. 116)

Os contos de fadas reinscrevem, com a linguagem do imaginário, a luta contra os obstáculos da existência humana. As dificuldades são inerentes à vida, contudo lutar para superá-las sem ferir o próximo é a maior vitória que podemos alcançar. Esta perspectiva está ligada à construção de valores morais e éticos, que são fundamentais para o desenvolvimento social da criança. O conceito de ética<sup>7</sup> aqui apresentado está associado aos valores morais constituídos pelo homem e seu comportamento social em relação ao próximo, diante da sociedade em que vive.

---

<sup>7</sup> Segundo a obra aristotélica *Ética a Nicômaco*, ética é a arte de o indivíduo saber viver na dimensão social, agregando valores e respeitando o próximo (1991).

Ainda no âmbito da educação, os contos, além de entreter as crianças, podem orientá-las e educá-las. Eles exercem papel importante na sua formação, pois, conforme ela cresce, descobre novas perspectivas, que lhe proporcionam a certeza de que realmente amadureceu, já que a mesma história passa a revelar-lhe uma série de fatos novos, fazendo-a refletir sobre medos, angústias e compreender que é possível superar os obstáculos e vencer as incertezas, como as personagens das histórias.

Segundo von Franz: “O estudo dos contos de fadas é essencial para nós, pois eles delineiam a base humana universal.” (1981, p.38). Segundo a autora, por meio dessas narrativas, é possível entrar em contato com estruturas psíquicas básicas humanas, que estão presentes em pessoas de qualquer parte do mundo e em qualquer tempo. Para ela, “é uma linguagem que todos entendem”.

É importante salientar que a literatura oferece a possibilidade de reflexão, aprendizagem e vivência dessa fantasia; porém, para que os sonhos se concretizem na vida real, é necessário ter atitudes e comportamentos. Com Nelly Novaes Coelho, confirmamos essa consideração.

É simplesmente fascinante o caminhar em meio a essa floresta de arquétipos que são os contos de fadas e descobrir os mil e um significados do rei, de heróis, princesas, sapos e rãs encantados, cabelos, anéis, madrastas, ilhas, gigantes e anões, fadas, bruxas, rainhas estereis, concepções mágicas etc. Mas não podemos esquecer que na vida real não existem fadas nem madrinhas que venham realizar por magia aquilo que não temos vontade de fazer. (COELHO, 2003, p. 118)

A literatura promove, por meio do imaginário, a formação de consciência de mundo e funciona como uma inspiração para compreender a experiência humana, no entanto, é de suma importância que o indivíduo, ao vivenciá-la, desenvolva atitudes na vida pessoal e social.

Segundo Von Franz (1981), para o adulto interpretar um conto de fadas, é necessário fazer uso das funções do consciente. Para a autora, quanto mais treinado e desenvolvido o consciente, mais colorida será a interpretação. Já para a criança, a interpretação ocorre pela linguagem simbólica, pelos sentimentos exteriorizados ao descobrir um herói e uma heroína nos contos. Nessas narrativas, as personagens carregam forças arquetípicas, cujo objetivo é vencer obstáculos e suprir carências e angústias.

Nos momentos de fragilidade ou de problemática social, o arquétipo do herói

surge para apresentar um modelo de comportamento e de solução de conflitos. O herói ou heroína, ao vivenciar questões morais, explora atitudes que estão armazenadas no inconsciente, criando um diálogo entre o mundo interior e o exterior. Sobre isso, von Franz (1981) diz que o surgimento do herói ou da heroína sobre o aspecto irracional é uma prova de que não se trata de seres humanos, mas de conteúdos psíquicos presentes na alma.

Pode ser analisado em algumas narrativas o ato de compartilhar, que faz a criança acreditar na importância da solidariedade, bondade e dos valores morais. Além disso a faz refletir sobre pequenos gestos que podem resultar em grandes conquistas e que a ganância e o egoísmo podem ter consequências desagradáveis para a vida do indivíduo.

Explorar os símbolos e arquétipos presentes nos contos de fadas permite, também, compreender o processo de amadurecimento do ser humano, que, ao enfrentar situações novas e perigosas, cria expectativas de conquistas e alcance de objetivos que exigem mudanças internas, externas, entre as quais, a coragem.

No conto *Chapeuzinho Vermelho*, a personagem principal pode representar a heroína que enfrenta o vilão, vivido pelo lobo mau. Ao traduzi-lo para simbologia da vida humana, é possível identificar o lado perverso das pessoas. Nessa narrativa, pode-se, também, explorar o aspecto da coragem. Apesar da coragem demonstrada pela personagem, o medo é outro sentimento presente e marcante no conto. Diante desse fato, é importante discutirmos não apenas o risco que o sentimento de maldade representa, mas também o medo como consequência. Isto é, o medo é despertado quando Chapeuzinho Vermelho depara-se com o perigo, representado pela figura do lobo. O medo é um estado emocional suscitado pela percepção da adversidade e do risco iminente.

O medo em excesso, evidentemente, deve ser compreendido como uma anomalia, assim como é retratado no livro *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Na história, a menina, Chapeuzinho Amarelo, sofre com medo do próprio medo. Era tão medrosa que tinha medo de brincar, de comer, de dormir e, por isso, não vivia mais. O que desejamos discutir neste momento é o medo não como anomalia, mas como o sentimento que pode preservar a criança do perigo.

Para Bettelheim,

Hoje as crianças não crescem mais dentro da segurança de uma família numerosa, ou de uma comunidade bem integrada. Por

consequente, mais ainda do que na época em que os contos de fadas foram inventados, é importante prover a criança moderna com imagens de heróis que partiram para o mundo sozinhos e que, apesar de inicialmente ignorando as coisas últimas, encontram lugares seguros no mundo seguindo seus caminhos com uma profunda confiança interior. (BETTELHEIM, 1996, p.11)

Ter coragem significa não ter medo? Será que Chapeuzinho Vermelho não teve medo do Lobo? Os heróis nunca sentem medo, ou, ao contrário, enfrentam seus temores apesar de senti-los? É preciso compreender que o medo é um sentimento inerente a todos nós, contudo ele pode ser superado. Não apenas o medo pode ser vencido, mas os perigos que despertam esse sentimento também. Em *Chapeuzinho Vermelho*, é possível enxergar o medo da separação, da morte e da perda, mais do que isso, é possível perceber e sentir os perigos que despertam esses temores. Contudo, para todos esses medos, há uma solução. A propósito, o próprio temor moderado e trabalhado pode representar uma solução para que a criança evite certos perigos da vida.

Ainda na narrativa *Chapeuzinho Vermelho*, podemos observar a experiência vivenciada no percurso, a descoberta, a mundividência feminina e as relações com o mundo masculino, da convivência entre velhos e novos, da inocência, da premeditação, do isolamento da avó, do resgate pela figura do pai, da devoração (tanto literal quanto simbólica) da personagem.

Os contos de fadas perderão o valor para a criança se os significados não forem construídos por ela. Afinal, é por meio dos contos, em razão da linguagem simbólica, que ela começa a entender o sentido da sua existência e fazer relações com as suas próprias vivências. Com o amadurecimento, ela passa a compreender que as narrativas promovem um diálogo com a sua realidade e com os respectivos valores presentes no seu meio social.

Sabemos que essas narrativas além de proporcionarem uma ampliação do repertório de conhecimentos, contribuem para a formação da criança para viver individualmente e em sociedade. No capítulo a seguir, veremos como a literatura infantil é direcionada para ser trabalhada no âmbito educacional, partindo de uma análise das diretrizes do documento oficial Base Nacional Comum Curricular. Para tanto, analisaremos como os contos de fadas podem promover experiências a partir dos campos de experiência propostos no documento para que a criança faça descobertas sobre si e sobre o mundo que a rodeia.

Os contos de fadas propiciam à criança experiências importantes por meio da linguagem simbólica engendrada nas teias do imaginário. Vigotski relata que “A primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste em que toda obra da imaginação contrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (2018, p. 22). E por isso, veremos no capítulo seguinte como a Base Nacional Comum Curriculares articula o desenvolvimento da criança por meio das experiências contidas nos Campos de experiências estabelecidos no documento oficial analisado.

### **3 CONTOS DE FADAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM DIÁLOGO COM A BNCC**

Neste capítulo, faremos uma análise da construção e da estruturação do documento oficial denominado Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de verificar como foi estruturada a organização curricular da etapa da educação infantil com foco no desenvolvimento da criança por meio das experiências propostas nos campos de experiência. A ideia é investigar se, entre os objetivos propostos por cada campo de experiência, é possível desenvolvê-los por meio da literatura, notadamente da arte de narrar e contar contos de fadas.

Como pudemos observar nos capítulos anteriores, a narração de histórias no ambiente educativo não é vista apenas como recurso recreativo, ela pode contribuir de forma significativa, para o desenvolvimento da prática pedagógica na etapa da educação infantil. Trata-se de uma atividade valiosa pedagogicamente e, quando bem utilizada e trabalhada, pode ser frutífera, proporcionando à criança múltiplas aprendizagens. “Ao contarmos um conto é como se estabelecêssemos uma ponte entre as imagens do conto, as nossas de contador e as do mundo interior da criança.” (BONAVENTURE, 1992, p. 19).

Por isso, escolhemos os contos de fadas, gênero da literatura infantil, para compor a investigação dos campos de experiência. Neste capítulo, verificaremos se o objetivo deste trabalho será consolidado, cuja proposta é analisar como os contos de fadas, ao serem narrados na primeira infância, podem promover experiências que permitam à criança pequena, com faixa etária de 4 anos a 5 anos e 11 meses, descobertas sobre si mesma e sobre os outros, considerando os campos de experiência enunciados no documento oficial.

Antes de iniciarmos a discussão sobre a Base Nacional Comum Curricular, vamos analisar como foi amadurecida e estruturada a proposta sobre o desenvolvimento do currículo e das propostas educacionais da etapa da educação infantil.

Podemos compreender, no entanto, que a abordagem sobre currículo e processo de desenvolvimento e aprendizagem na etapa da educação infantil é assunto relativamente novo e esse documento oficial ainda está pouco discutido. A Constituição Federal de 1988 foi um marco para a educação, tendo sua proposta baseada no exercício da cidadania. Com relação ao ensino da educação infantil, foi



instituído o direito da criança à educação, deixando, portanto, de ser assistencialista – o que representou enorme ganho. Abaixo, podemos observar os artigos da Constituição Federal que asseguram o direito de aprendizagem.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;  
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;  
III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (BRASIL, 1988)

É possível constatar que o documento propõe que a criança seja valorizada como sujeito, permitindo que tenha acesso à educação de qualidade que a prepare para a vida em sociedade.

Já o documento Política Nacional de Educação Infantil, criado em 1994 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), foi o primeiro registro que exigiu que houvesse uma organização curricular específica para a educação infantil. Nesse documento, foram estabelecidas diretrizes para orientar o trabalho a ser executado pelo professor com esse público específico. São elas:

- A educação e o cuidado das crianças de 0 a 6 anos são de responsabilidade do setor educacional.
- A Educação Infantil deve pautar-se pela indissociabilidade entre o cuidado e a educação.
- A Educação Infantil tem função diferenciada e complementar à ação da família, o que implica uma profunda, permanente e articulada comunicação entre elas.
- É dever do Estado, direito da criança e opção da família o atendimento gratuito em instituições de Educação Infantil às crianças de 0 a 6 anos.
- A educação de crianças com necessidades educacionais especiais deve ser realizada em conjunto com as demais crianças, assegurando-lhes o atendimento educacional especializado mediante avaliação e interação com a família e a comunidade.
- A qualidade na Educação Infantil deve ser assegurada por meio do estabelecimento de parâmetros de qualidade.
- O processo pedagógico deve considerar as crianças em sua totalidade, observando suas especificidades, as diferenças entre elas e sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do brincar.
- As instituições de Educação Infantil devem elaborar, implementar e avaliar suas propostas pedagógicas a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e com a participação das professoras e dos professores. As propostas pedagógicas das

instituições de Educação Infantil devem explicitar concepções, bem como definir diretrizes referentes à metodologia do trabalho pedagógico e ao processo de desenvolvimento/aprendizagem, prevendo a avaliação como parte do trabalho pedagógico, que envolve toda a comunidade escolar. As professoras e professores e os outros profissionais que atuam na Educação Infantil exercem um papel socioeducativo, devendo ser qualificados especialmente para o desempenho de suas funções com as crianças de 0 a 6 anos.

- A formação inicial e a continuada das professoras e professores de Educação Infantil são direitos e devem ser asseguradas a todos pelos sistemas de ensino com a inclusão nos planos de cargos e salários do magistério.
- Os sistemas de ensino devem assegurar a valorização de funcionários não-docentes que atuam nas instituições de Educação Infantil, promovendo sua participação em programas de formação inicial e continuada.
- O processo de seleção e admissão de professoras e professores que atuam nas redes pública e privada deve assegurar a formação específica na área e mínima exigida por lei. Para os que atuam na rede pública, a admissão deve ser por meio de concurso.
- As políticas voltadas para a Educação Infantil devem contribuir em âmbito nacional, estadual e municipal para uma política para a infância.
- A política de Educação Infantil em âmbito nacional, estadual e municipal deve se articular com as de Ensino Fundamental, Médio e Superior, bem como com as modalidades de Educação Especial e de Jovens e Adultos, para garantir a integração entre os níveis de ensino, a formação dos profissionais que atuam na Educação Infantil, bem como o atendimento às crianças com necessidades especiais.
- A política de Educação Infantil em âmbito nacional, estadual e municipal deve se articular às políticas de Saúde, Assistência Social, Justiça, Direitos Humanos, Cultura, Mulher e Diversidades, bem como aos fóruns de Educação Infantil e outras organizações da sociedade civil. (BRASIL, 1994, p. 17-18)

Para elaboração desse documento, foram realizadas pesquisas com temáticas que reforçam o reconhecimento da criança como sujeito de direitos e sua inserção na sociedade: “Essa visão contribuiu para que fosse definida, também, uma nova função para as ações desenvolvidas com as crianças, envolvendo dois aspectos indissociáveis: educar e cuidar.” (BRASIL, 1994, p. 8)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil<sup>8</sup>, documento oficial vigente no Brasil a partir 2010, abordam eixos norteadores para a construção desse nível de ensino e regulamentam essa etapa da educação básica até a

---

<sup>8</sup> Documento que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

publicação da Base Nacional Comum Curricular. Nesse documento, a criança deve ser valorizada como

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e prática cotidianas, constrói a sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza, a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, DCNEI, 2009)

Esse documento propõe diretrizes que asseguram a organização de propostas pedagógicas que devem ter como objetivo o desenvolvimento e a aprendizagem da criança por meio da socialização e da exploração de experiências. Entre elas, podemos destacar:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil. Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares.

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

Art. 6º As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: éticos, políticos e estéticos;

Art. 7º Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica.

Art. 8º A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências. (BRASIL, DCNEI, P. 97-98-99)

Entre os objetivos mencionados estão as condições que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura.” (BRASIL, 2009, p. 26).

Também é mencionada, nesse documento, a capacidade de criar condições que “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.” (BRASIL, 2009, p. 26). É possível observar que as diretrizes curriculares proporcionam orientações que direcionam o trabalho do professor de maneira que cabe a ele relacionar a literatura infantil com conteúdos, recursos pedagógicos e vivências do cotidiano do aluno.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEis) são documentos que também orientam o exercício dos currículos e das práticas pedagógicas para as escolas de educação infantil. A sua elaboração foi idealizada para atender às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que estabelecem que a educação infantil deve ser considerada a primeira etapa da educação básica e o documento deverá auxiliar o professor na realização de seu trabalho. A proposta compreende que,

Considerando a fase transitória pela qual passam creches e pré-escolas na busca por uma ação integrada que incorpore às atividades educativas os cuidados essenciais das crianças e suas brincadeiras, o Referencial pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. (RCNEI, 1998, p.5)

No documento foram estabelecidas orientações para o planejamento de práticas educativas que tivessem como propósito a qualidade do ensino e fosse enfatizado o exercício da cidadania. Para isso, foram determinados alguns princípios que estão destacados abaixo.

O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;

O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;

A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (RCNEI, 1998, p. 13)

O objetivo principal desse documento é organizar diretrizes para que o trabalho a ser desenvolvido com as crianças da educação infantil proporcione a elas experiências prazerosas e que contribuam para o seu processo de desenvolvimento.

É importante destacar aqui, também, o estudo das competências que compõem a proposta do documento Base Nacional Comum Curricular, analisado neste trabalho, que surgiu a partir dos estudos e reflexões de Jacques Delors, que presidiu a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, da Unesco, realizada em 1998 e autor do relatório: *Educação, um tesouro a descobrir*, no qual se enfatiza que,

Por outras palavras, a educação é, também, uma experiência social, em contato com a qual a criança aprende a descobrir-se a si mesma, desenvolve as relações com os outros, adquire bases no campo do conhecimento e do saber-fazer. Esta experiência deve iniciar-se antes da idade da escolaridade obrigatória, assumindo formas diferentes, conforme a situação, e nela devem estar implicadas as famílias e as comunidades de base. (DELORS, 1998, P. 22)

Para Delors, a educação do novo milênio precisa ter diretrizes que contribuam para o desenvolvimento de quatro pilares que, segundo ele, são quatro aprendizagens fundamentais que definirão a educação no futuro: aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a ser e aprender a fazer. É possível relacionar cada pilar com os contos de fadas, de modo que seja um processo significativo, conforme veremos a seguir:

Aprender a aprender: os contos transmitem experiências em forma de narrativas em que as crianças podem se espelhar nos personagens identificando-se com eles e aprendem com e por meio dos personagens;

Aprender a conviver: a socialização pode surgir na hora da contação de histórias e a trajetória vivida pelos personagens que é sempre uma busca de integrar-se à sociedade, ao mundo adulto etc;

Aprender a ser: ao resgatar mitos e arquétipos presentes nas narrativas, elementos que compõem uma linguagem que, por sua vez, desvela certos aspectos do ser para ele próprio;

Aprender a fazer: pode ser desenvolvida pelo contar e recontar contos de fadas, pelo próprio ato de ouvir ou como contar, como externalizar seus sentimentos.

### **3.1 Reflexões em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento oficial mais recente que define as diretrizes para os currículos escolares. Sua proposta está alinhada com as orientações do Plano Nacional de Educação (PNE) e com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional que normatizam a educação escolar. Entre os objetivos da BNCC, podemos destacar: promover um ensino que estimule o processo de socialização e o senso crítico de crianças e adolescentes. Sobre esse aspecto, a base sustenta que

[...] a educação básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança. (BRASIL, 2017, p.14)

A proposta do documento é alinhar a formulação dos currículos da educação básica dos sistemas e das redes escolares dos estados, Distrito Federal e municípios, além de promover uma unificação no processo de formação de professores, avaliação e elaboração de conteúdos educacionais. “[...] espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação.” (BRASIL, 2017, p. 8)

A proposta de universalização dos currículos e programas da educação deve estar alinhada com as dez competências gerais, que têm como propósito, assegurar os direitos de desenvolvimento e aprendizagem do aluno, garantindo que seja fortalecida uma educação com ênfase nos valores e na criação de ações que contribuam para a transformação da vida em sociedade. A respeito disso, lê-se que: “Ao dizer que os conteúdos curriculares estão a serviço do desenvolvimento de

competências, a LDB<sup>9</sup> orienta a definição das aprendizagens essenciais, e não apenas dos conteúdos mínimos a ser ensinados. Essas são duas noções fundantes da BNCC”. (BRASIL, 2017, p. 11)

O desenvolvimento das competências deve estar alinhado com as práticas pedagógicas e sociais dos três níveis de ensino: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O trabalho deve ser norteado com o objetivo de desenvolver a competência “aprender a fazer”<sup>10</sup>, que se refere à junção do conhecimento, das habilidades e das atitudes, relacionando-os com as demandas do cotidiano, do exercício da cidadania, do respeito pelo próximo e da diversidade.

A BNCC também tem como objetivo o foco direcionado para a formação da educação integral, idealizando uma educação inovadora e inclusiva e o desenvolvimento humano global. Por isso, o processo pedagógico deve ser direcionado para “[...]o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado.” (BRASIL, 2017, p. 14). São aspectos que proporcionam ao aluno os seguintes aprendizados: “reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável.” (BRASIL, 2017, p. 14)

Ainda sobre a educação integral, a BNCC reforça a intencionalidade de,

Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir. (BRASIL, 2017, p.14)

O documento tem como diretriz propor uma educação que se preocupa com igualdade, diversidade cultural e equidade. As escolas devem sugerir currículos com propostas pedagógicas que “[...] considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais.” (BRASIL, 2017, p. 15)

---

<sup>9</sup> LDB – Lei de Diretrizes e Bases 9.394/ 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

<sup>10</sup> Uma das 4 competências para a educação do novo milênio, proposta por Jacques Delors publicada no relatório da Unesco “Educação: um tesouro a descobrir” em 1998.

Na etapa da educação infantil, o documento propõe que as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças devam ocorrer por meio das experiências, das interações e das brincadeiras, que podem ser definidas como a ação da criança de fazer e agir. O documento enfatiza a importância da experiência como forma de promover o desenvolvimento das potencialidades da criança da educação infantil. Voltamos a verificar o que Larrosa diz ao relacionar a experiência com a educação.

Fazer soar a palavra “experiência” em educação tem a ver, então, com um não e com uma pergunta. Com um não a isso que nos é apresentado como necessário e como obrigatório, e que já não admitimos. E com uma pergunta que se refere ao outro, que encaminha e aponta em direção ao outro (para outros modos de pensamento, e da linguagem, e da sensibilidade, e da ação, e da vontade), porém sem dúvida, sem determiná-lo. Só porque ainda queremos continuar vivos, prosseguir. E porque ainda intuimos, ou acreditamos intuir, um além de.” (2020, p.74)

Ele reforça a ideia de que promover experiência no âmbito da educação é preciso ir além: “[...] É preciso abrir a janela”, a criança necessita de liberdade para explorar e brincar, “ter um espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (e sobretudo para a paixão)”. (LARROSA, 2020, p.7) Por isso, é de extrema importância o uso da ludicidade, por meio de brincadeiras, jogos e contação de histórias, no processo de ensino e aprendizagem, que proporcionam à criança a possibilidade de construir o conhecimento de si e do mundo. Para que isso ocorra, é necessário que a criança seja protagonista de suas experiências. Destaca-se que, para proporcionar situações ideais para as explorações e o desenvolvimento infantil sejam concretizados, é fundamental adequar o espaço em que elas ocorrerão à criança.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. (BNCC, 2017, p. 38)


Pode-se compreender que a literatura infantil se apresenta como um fator importante para proporcionar conhecimento, desenvolver métodos e vivências que envolvam os alunos no ambiente escolar. As narrativas podem proporcionar várias formas de aprendizagem a serem adquiridas por meio da fantasia, do divertimento e do prazer. O documento propõe práticas educativas que sejam pautadas no



convívio coletivo e aprendizagens sustentadas pelas experiências da vida cotidiana, de maneira que a criança atribua sentido para si mesma e para o mundo.

### **3.1.1 A arte de narrar contos de fadas e os campos de experiência da BNCC**

A organização curricular da Educação Infantil na BNCC foi dividida em três grupos de faixa etária - bebê (zero a 1 ano e 6 meses); crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses); crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses) - e em cinco campos de experiências, que asseguram à criança os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, conforme estão detalhados no quadro seguinte.

**Quadro 1** – Direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil

### DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Fonte: (BNCC, 2017, p. 38)

Ao analisar os objetivos relacionados na proposta dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil (quadro 1), é possível verificar que contar histórias, além de ser uma arte que encanta, porque é carregada de expressão e conhecimento poético, permite que seu público ouvinte tenha a oportunidade de alcançar tais direitos. Zumthor pondera que “apenas ela, pela dádiva de uma palavra estranha, faz sentido, isto é, torna interpretável o que

se vive. Mas o homem vive também a linguagem da qual ele provém, e é só no dizer poético que a linguagem se torna verdadeiramente signo das coisas.” (1993, p. 74).

Por meio da performance oral, atividade habitualmente praticada nessa etapa do ensino, e do repertório de enredos, a criança tem a oportunidade de conviver com seus pares, adquirir experiências e conhecimento sobre si e sobre as diferenças em relação aos outros. A criança pode interagir e participar das narrativas, interpretar e brincar, permitindo que seja criada uma ampliação de sua produção cultural. Além de permitir possibilidades de explorar movimentos, sons, gestos, palavras, de se expressar como sujeito de opinião e de conhecer a sua identidade pessoal, social e cultural.

Os campos de experiências propostos pela BNCC foram estruturados com o propósito de que o aprendizado e o conhecimento devam ocorrer por meio da interação entre a criança e o mundo e são organizados em cinco eixos: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Eles se formam a partir das vivências e dos saberes vividos no cotidiano da criança. Entre as atividades, podemos destacar a prática da contação de histórias que podem ser relacionadas ou não com outras. Essas propostas podem ser desenvolvidas por meio da dança, da interpretação teatral, do desenho. A seguir será explicitado de forma mais abrangente como realizar atividades com a contação de história em cada campo de experiência.

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BRASIL, 2017, P. 38)

A proposta dos campos de experiência surgiu a partir do estudo realizado com a experiência italiana, segundo o documento *As Novas Orientações para a Nova Escola da Infância de 1991*. O documento foi traduzido para o Brasil em 1995. A proposta italiana tinha interesse de promover na criança,

[...] a estabilidade e a positividade das relações, a flexibilidade e a adaptabilidade a novas situações, o acesso a mais ricas interações sociais, a aquisição de conhecimentos e competências, a possibilidade de exploração, de descoberta, de participação e de comunicação, a conquista de autonomia, a atribuição de sentido às experiências; tudo isso em um intenso clima de afetividade positiva e de alegria lúdica. (FARIA, 1995, p. 71)

A discussão que permeou o documento italiano foi pensada a partir do ponto de vista de que a criança pequena precisava ser acolhida e estimulada para viver a complexidade da vida. Por isso, ela deveria ser exposta a brincadeiras e situações de exploração do seu cotidiano para ter a oportunidade de participar de vivências e experiências escolares que promoveriam a autonomia e o senso crítico. O documento propôs campos de experiência centrados na criança e que objetivassem a construção do conhecimento por meio de experiências.

A BNCC utilizou as premissas e as potencialidades do documento italiano, para elaborar os campos de experiências idealizados para a etapa da educação infantil.

Nos quadros a seguir, serão apresentados os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil de cada campo de experiência da BNCC com suas respectivas faixas etárias. Lembramos que o foco deste trabalho está direcionado para as crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

**Quadro 2:** Campos de experiência o “Eu, o outro e o nós”

## CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “O EU, O OUTRO E O NÓS”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01EO01)</b> Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.	<b>(EI02EO01)</b> Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.	<b>(EI03EO01)</b> Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
<b>(EI01EO02)</b> Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa.	<b>(EI02EO02)</b> Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.	<b>(EI03EO02)</b> Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
<b>(EI01EO03)</b> Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos.	<b>(EI02EO03)</b> Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.	<b>(EI03EO03)</b> Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
<b>(EI01EO04)</b> Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.	<b>(EI02EO04)</b> Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.	<b>(EI03EO04)</b> Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
<b>(EI01EO05)</b> Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.	<b>(EI02EO05)</b> Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.	<b>(EI03EO05)</b> Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

Fonte: (BNCC, 2017, p. 45-46)

## CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “O EU, O OUTRO E O NÓS” (Continuação)

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01EO06)</b> Interagir com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.	<b>(EI02EO06)</b> Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.	<b>(EI03EO06)</b> Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.
	<b>(EI02EO07)</b> Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.	<b>(EI03EO07)</b> Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos.

Fonte: (BNCC, 2017, p. 45-46)

No campo “O eu, o outro e o nós”, os objetivos são assertivos, determinantes e devem propor vivências que permitam que criança desenvolva a construção da própria identidade e a construção das relações com os seus pares, além de ampliar a possibilidade de se conhecer e conhecer o outro, respeitando as diferenças e a diversidade.

Conforme visto anteriormente, por meio da tradição oral, a criança adentra no mundo de fantasia dos contos de fadas e, ao vivenciar a vida das personagens dessas narrativas, são criadas possibilidades que lhe permitem experiências capazes de encaminhá-la à descobertas de seu mundo interior e suas relações com o exterior.

Em outras palavras, ao ouvir contos de fadas, a criança pode viajar ao mundo da fantasia e encontrar múltiplos significados para os símbolos presentes nas histórias e relacioná-los com sua própria vida e com a vida de seus pares, possibilitando que ela faça descobertas sobre sua identidade e sobre o meio em que convive. Para tornar a proposta ainda mais atraente é possível utilizar alguns recursos lúdicos, tais como avental com velcro onde os personagens dos contos de

fadas podem ser fixados e manuseados conforme a história é narrada, proporcionado à criança maneiras de socializar com o grupo, conhecer e respeitar as diferenças.

**Quadro 3:** Campo de experiência: “Corpo, gestos e Movimentos”

## CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01CG01)</b> Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	<b>(EI02CG01)</b> Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	<b>(EI03CG01)</b> Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
<b>(EI01CG02)</b> Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	<b>(EI02CG02)</b> Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.	<b>(EI03CG02)</b> Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
<b>(EI01CG03)</b> Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	<b>(EI02CG03)</b> Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	<b>(EI03CG03)</b> Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música.
<b>(EI01CG04)</b> Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	<b>(EI02CG04)</b> Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.	<b>(EI03CG04)</b> Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência.
<b>(EI01CG05)</b> Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.	<b>(EI02CG05)</b> Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	<b>(EI03CG05)</b> Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Fonte: (BNCC, 2017, p. 47)

Os objetivos do campo “Corpo, Gestos e Movimentos” possibilitam a exploração do espaço, dos sentidos, dos movimentos corporais que produzem conhecimento e experiências sociais e culturais. Walter Benjamin considera que a arte de narrar está diretamente relacionada com o movimento, com a performance. “Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, apreendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.” (1994, p.221).

Atividades tais como dramatização, uso de fantoches e dedoches, utilização da linguagem corporal e linguagem musical, podem ser encaminhadas a partir da narração dos contos de maneira a contemplar os objetivos propostos no documento: criar formas diversificadas com o corpo que expressem sentimentos e emoções, sensações, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.

Fantasiar-se na dramatização de um conto de fadas, entre outros recursos cênicos, para interpretar uma personagem, permite à criança vivenciar o drama de seus personagens favoritos. Essa atividade favorece que a criança explore o movimento do corpo, a expressão dos gestos, dos sentimentos e dos sentidos, além de ensinar-lhe a prestar atenção e trabalhar a concentração.



**Quadro 4:** Campos de experiência: “Traços, sons, cores e formas”**CAMPO DE EXPERIÊNCIAS  
“TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS”**

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01TS01)</b> Explorar sons produzidos com o próprio corpo e com objetos do ambiente.	<b>(EI02TS01)</b> Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.	<b>(EI03TS01)</b> Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.
<b>(EI01TS02)</b> Traçar marcas gráficas, em diferentes suportes, usando instrumentos riscantes e tintas.	<b>(EI02TS02)</b> Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.	<b>(EI03TS02)</b> Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
<b>(EI01TS03)</b> Explorar diferentes fontes sonoras e materiais para acompanhar brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	<b>(EI02TS03)</b> Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.	<b>(EI03TS03)</b> Reconhecer as qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons.

Fonte: (BNCC, 2017, p. 49)

No campo “Traços, Sons, Cores e Formas”, é possível reconhecer os objetivos propostos relacionados ao contato com as experiências estéticas, que permitem à criança vivenciar expressões e linguagens artísticas. É possível explorar a arte de narrar por meio da linguagem artística teatral, ou seja, da dramatização, que faz uso da oralidade performática. E vale ressaltar novamente que, para Zumthor (1993), a expressão performance é toda situação em que ocorre um processo de comunicação e simultaneamente a recepção desta por meio de um conto.

Além disso, nas encenações, é possível explorar outras linguagens tais como: radionovela, música, artes visuais, expressões corporais e elementos da natureza, por exemplo.

No que se refere ainda ao campo “Traços, sons, cores e formas”, observa-se que a criança, ao ter contato com os contos de fadas em livros ou outros suportes, desenvolve o gosto pela arte da palavra, aguça a criatividade, a imaginação e a sensibilidade estética, além de experienciar o contato com as linguagens artísticas visuais. Solicitar a criança que proponha novos direcionamentos para os enredos das histórias, com novos desfechos, com a expressão em novas semioses, é oferecer-lhe a oportunidade de entrar no mundo da fantasia, criar e recriar.

**Quadro 5:** Campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”

## CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO” (Continuação)

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01EF06)</b> Comunicar-se com outras pessoas usando movimentos, gestos, balbucios, fala e outras formas de expressão.	<b>(EI02EF06)</b> Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.	<b>(EI03EF06)</b> Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.
<b>(EI01EF07)</b> Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, <i>tablet</i> etc.).	<b>(EI02EF07)</b> Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais.	<b>(EI03EF07)</b> Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
<b>(EI01EF08)</b> Participar de situações de escuta de textos em diferentes gêneros textuais (poemas, fábulas, contos, receitas, quadrinhos, anúncios etc.).	<b>(EI02EF08)</b> Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).	<b>(EI03EF08)</b> Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).
<b>(EI01EF09)</b> Conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita.	<b>(EI02EF09)</b> Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.	<b>(EI03EF09)</b> Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

Fonte: (BNCC, 2017, p. 49-50)

No campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, os objetivos propõem a promoção de experiências de comunicação, explorando o uso da linguagem oral e escrita. Neste campo de experiência, o uso da literatura como recurso pedagógico

se faz presente, colabrando para o desenvolvimento de crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses.

A contação de história pode ser muito explorada neste campo de experiência, já que as linguagens oral e escrita são sugeridas. A criança pode ser estimulada a ser a protagonista no processo da arte de narrar histórias, produzindo sua própria narrativa ou contando e recontando histórias que ela mesma inventa, inserindo elementos e interpretando personagens que a auxiliarão na descoberta de sua identidade, promovendo novos conhecimentos e novas experiências.

Contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si, possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiências (MACHADO, 2004a., p. 27)

O professor pode selecionar ou propor livros que tenham temáticas direcionadas para a abordagem de temas e assuntos específicos que julga ser o mais adequado a ser trabalhado num determinado momento.

**Quadro 6:** Campo de experiência “Espaço, tempos, quantidades e transformações”

## CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES”

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<b>(EI01ET01)</b> Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).	<b>(EI02ET01)</b> Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).	<b>(EI03ET01)</b> Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.
<b>(EI01ET02)</b> Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.	<b>(EI02ET02)</b> Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).	<b>(EI03ET02)</b> Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.
<b>(EI01ET03)</b> Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.	<b>(EI02ET03)</b> Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.	<b>(EI03ET03)</b> Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.
<b>(EI01ET04)</b> Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.	<b>(EI02ET04)</b> Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).	<b>(EI03ET04)</b> Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.
<b>(EI01ET05)</b> Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.	<b>(EI02ET05)</b> Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).	<b>(EI03ET05)</b> Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.
<b>(EI01ET06)</b> Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).	<b>(EI02ET06)</b> Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).	<b>(EI03ET06)</b> Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

## CAMPO DE EXPERIÊNCIAS “ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES” (Continuação)

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
	<b>(EI02ET07)</b> Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.	<b>(EI03ET07)</b> Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.
	<b>(EI02ET08)</b> Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).	<b>(EI03ET08)</b> Expressar medidas (peso, altura etc.), construindo gráficos básicos.

Fonte: (BNCC, 2017, p. 51-52)

No último campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações,” os objetivos permitem que a criança explore o mundo físico externo e o mundo sociocultural, ao promoverem o estímulo da curiosidade e a experiência de descobrir o mundo ao seu redor. Possibilita que a criança manipule materiais que podem ser transformados e dar origem a vários objetos para o uso pessoal e coletivo, tais como ferramentas, máquinas, instrumentos musicais, brinquedos, aparelhos eletrodomésticos, construções, meios de transporte ou de comunicação.

Ao promover rodas de conversa sobre as histórias dos contos de fadas, estimula-se a capacidade de diálogo entre as crianças. Essa proposta pedagógica promove o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e socioculturais, pois as crianças aprendem a ouvir, a entender como o outro pensa e a respeitar limites de espaço e tempo. Neste campo, é possível promover, também, o contato físico com os livros, permitindo o desenvolvimento da experiência de manipular objetos, explorar texturas, novas materialidades e de fazer descobertas.

A experiência ocorre por meio da invenção, da fantasia, da brincadeira, da construção de ideias e, para isso, é necessário muito estímulo. É importante a manipulação de materiais para que a criatividade seja explorada e desenvolvida. A contação de história, também considerada um jogo simbólico, utiliza materiais e elementos que contribuem no processo da arte de narrar situações do cotidiano da criança.

O educador pode preparar o espaço de convívio para narrar os textos de maneiras diversificadas de forma a propiciar que a criança assim o perceba e experimente. É possível usar materiais e objetos que tragam percepções de cor, de som, de sabor, de odor e de temperatura. Isso pode ser modificado a cada narrativa. A criança deve ser a protagonista do espetáculo assim como o narrador deve estar ciente de seu papel nele.

Embora a BNCC proponha a prática da literatura apenas no campo de experiência denominado “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, é possível verificar que todos os outros campos também apresentam à criança possibilidades de aprendizado e de desenvolvimento de experiências ao ouvir contos de fadas, conforme veremos a seguir.

Relacionando a experiência com a literatura, a BNCC afirma: “As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo” (BRASIL, 2017).

Sobre a arte de narrar como experiência, vale retomar as ideias de Walter Benjamin.

O Narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. (1994, p. 221)

Um fator importante que pode ser salientado entre os campos de experiências é o da intencionalidade educativa, que permite valorização da

compreensão do indivíduo, do grupo e das relações. Sobre isto, a base destaca que

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BNCC, 2017, p. 35)

A BNCC propõe práticas que unifiquem a língua e a literatura, respeitando sempre a situação em que se encontra o aluno, criando condições de trabalhar o texto literário de maneira que possa desenvolver enriquecimento cultural e humanizador. No entanto, observamos que a formação de professores para trabalhar com contações de histórias ainda é deficiente. O profissional tem uma pequena inserção nesse universo literário, enquanto ainda é discente da graduação em licenciatura, devendo buscar aprimorando a partir do seu interesse e desejo pelo trabalho específico.

Quanto às competências, a BNCC apresenta dez competências gerais para a educação básica que devem assegurar ao aluno, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. São elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva;
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir



- conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
  7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
  8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
  9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. 1
  10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 2017, p.9)

As competências têm como objetivo impulsionar o desenvolvimento da aprendizagem unificando conhecimento, habilidades e atitudes. O documento apresenta um estudo que tem como propósito preparar o indivíduo para a vida no cotidiano.

[...] afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013), mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) (BNCC, 2017, p. 8)

Ao analisar as competências descritas na BNCC, é perceptível a relação que mantêm com a competência aprender a aprender, um dos quatro pilares propostos por Jacques Delors, que tem como objetivo principal, promover a autonomia do aluno no processo de ensino aprendizagem, valorizando uma atitude crítica. Delors destaca no relatório que

Este tipo de aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade de vida humana. Meio, porque se pretende que cada uma aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as

suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. (DELORS, 1998, p. 90-91)

Neste sentido, podemos observar que a proposta do desenvolvimento das competências no âmbito educacional visa preparar o indivíduo para a vida em sociedade e para o mercado de trabalho. Desta maneira, a BNCC reforça o seu intuito, uma vez que

[...] propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (2017, p. 14)

O documento legal analisado propõe uma uniformização da organização curricular do ensino da educação básica em nível universal no Brasil e conduz direcionamentos para justificar essa universalização. Além de ressaltar que a educação deve ser gerida como um direito humano, em que a igualdade deve prevalecer, oferece preferencialmente à criança o direito à aprendizagem de forma significativa.

Ao relacionar os pilares da educação com a proposta deste trabalho, que é pautada na investigação de como e por que narrar contos de fadas para promover o desenvolvimento das experiências das crianças da primeira infância, inseridas nas propostas dos campos de experiência na BNCC, é possível que o desenvolvimento das competências aprender a ser e aprender a conviver sejam contempladas.

Para tanto, vamos ler a consideração que Jacques Delors faz sobre a competência aprender a ser.

Num mundo em mudança, de que um dos principais motores parece ser a inovação tanto social como econômica, deve ser dada a importância à imaginação e à criatividade; claras manifestações da liberdade humana elas podem vir a ser ameaçadas por uma certa estandardização dos comportamentos individuais. (DELORS, 1998, p.100)

Como vimos, os contos de fadas podem contribuir de forma significativa no processo de formação do ser da criança. Eles possuem grande potencial de valorização da condição existencial e humana. Observamos que os documentos apresentam pontos fundamentais comuns, que são a prática da educação por meio

da ludicidade; a socialização e a integração do indivíduo à cultura e ao patrimônio cultural, a ideia de que a escola não é um espaço de transmissão de conhecimento, mas de construção do sujeito e de um sujeito crítico, cidadão. Contudo, a educação é um processo em que prevalece a experiência e a experiência está ligada à capacidade de interação com o mundo, capacidade de ser um cidadão ativo etc.

Vejamos neste ponto como foi definida por Delors a competência aprender a conviver.

Passando à descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Desenvolver esta atitude de empatia, na escola, é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida. (DELORS, 1998, p.100)

As narrativas dos contos de fadas podem auxiliar no processo de descoberta de si mesmo e no aprendizado dos valores morais e sociais, que envolvem a relação com o outro, tais como respeito, empatia, solidariedade, altruísmo, amor, entre muitos outros. Por isso, quando planejada adequadamente, a prática pedagógica, que faz uso do instrumental lúdico, pode atingir o propósito de desenvolvimento da competência aprender a conviver, aprender a viver juntos.

Se as instituições de ensino de educação pré-escolar seguirem as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular apresentadas neste capítulo, e tiverem consciência de que a criança é um sujeito que possui não só o direito à educação, como também o direito à aprendizagem de qualidade, será possível constatar que narrar contos de fadas para crianças da educação infantil, com o objetivo de promover o desenvolvimento de experiências e sua formação integral e social, é uma prática pedagógica de grande potencial de êxito.

No próximo capítulo, analisaremos o conto “Bicho de Palha”, de Câmara Cascudo, para compreender de que forma essa narrativa pode contribuir para o processo de formação individual e social da criança, assegurando os seus direitos como sujeito.

#### **4 CONTO “BICHO DE PALHA”, DE CÂMARA CASCU DO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE**

Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal, foi um escritor brasileiro de contos populares folclóricos e um renomado pesquisador da oralidade e das manifestações culturais brasileiras, adaptando inúmeras histórias de encantamento. Podemos destacá-lo como um exemplo cultivador da tradição oral e responsável pela movência de variados textos, ressaltando, em nossa perspectiva, que muitos elementos se preservam nesse processo, uma vez que “os contos variam infinitamente, mas os fios são os mesmos” (FRANZ, 1981, p. 12).

Analisaremos, neste capítulo, o conto “Bicho de Palha”, uma versão da conhecida história de Cinderela, que foi ouvida muitas vezes pela esposa de Câmara Cascudo, Dahlia Freire Cascudo. Quem lhe contava era sua babá, chamada Lourença Maria da Conceição. Inicialmente, começaremos com um breve resumo da narrativa, que é composta do seguinte enredo.

Um homem rico, ao ficar viúvo, resolve se casar novamente. Ele tinha uma filha, chamada Maria, do seu casamento anterior, e sua nova esposa desenvolve uma raiva pela enteada por esta ser muito bonita. O sentimento de ódio da madrasta aumenta quando ela engravida e tem filha que é considerada muito feia, em comparação à enteada. Quando o pai se ausenta, a madrasta obriga Maria a fazer os serviços pesados da casa e vai restringindo alimentos para a menina. Esta tem uma amiga senhora, que é sua confidente. E quando a madrasta começa a querer coagir a enteada, Maria resolve fugir de casa. A senhora, amiga da menina, a presenteia com uma varinha e diz que é um objeto capaz de realizar pedidos, desde que ela utilize as seguintes palavras mágicas: “minha varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, dai-me” (CASCU DO, 2004, p.46). Maria faz uma capa de palha apenas com os olhos à mostra e sai em busca de uma oportunidade de trabalho. Consegue emprego em um palácio para trabalhar na limpeza. Recebe o nome de Bicho de Palha. Ela vivia suja e quase não falava com ninguém.

O príncipe, que vivia no castelo, anunciou que iria realizar três dias de baile. Como Maria era apaixonada por ele, no primeiro dia fica à espera de uma ordem do príncipe ainda vestida com a capa de palha. Ele pede a ela uma bacia com água para se preparar para a festa. A hora do baile chega e, desejando também ir, Maria

faz um pedido para a varinha de condão. Pede uma carruagem e um vestido para ir ao baile.

Quando chega ao baile, o príncipe fica impressionado com a beleza da moça e só deseja dançar com ela. Pergunta onde mora e ela responde que é na Rua das Bacias. Ela parte à meia-noite discretamente e, no dia seguinte, o príncipe solicita aos seus criados para procurar por ela, porém nada encontram.

No segundo dia, antes de iniciar o baile, o príncipe pede à Maria uma toalha. Quando todos partem para a festa, Bicho de Palha pede novamente à varinha mágica uma carruagem e um vestido cor de mar. Ao chegar ao baile, o príncipe fica impressionado ao vê-la e pede novamente pelo endereço da moça. E esta diz que não mora mais na Rua da Bacias e sim na Rua das Toalhas.

No terceiro dia, o príncipe pede um pente a ela e tudo se repete. Desta vez, a moça diz que mora na Rua dos Pentes. O príncipe manda cavarem um buraco na estrada para impedir a passagem da carruagem. Quando Bicho de Palha parte da festa, a carruagem, ao passar pelo buraco, desestabiliza-se e ela perde seu sapato. Os criados do príncipe encontram o sapato na estrada e, no dia seguinte, vão em busca do pé da proprietária do sapato. Depois de tentarem em todas as moças da redondeza e criadas do palácio e, mesmo aos risos, lembram de que não experimentaram no pé da Bicho de Palha. Todos ficam espantados quando veem que o sapato cabe perfeitamente no pé da moça. Ela mostra que, no outro pé, está o outro par do sapato, deixa cair a capa de palha e todos ficam impressionados com a sua beleza. Bicho de palha conta a história e, imediatamente, a varinha desaparece.

#### **4.1 O imaginário na narrativa “Bicho de Palha”**

Podemos encontrar, nas narrativas dos contos de fadas, diversas manifestações de imagens arquetípicas que traduzem a produção simbólica da vida cultural do homem. Para entendermos melhor, vamos retomar a definição de Jung sobre os arquétipos (2014): são imagens primordiais, atemporais e universais, construídas na estrutura psíquica do ser humano. Por isso, os personagens e os elementos da narrativa “Bicho de Palha” podem ser interpretados à luz dessa teoria.

A personagem Maria, ou Bicho de Palha, assume o papel de heroína da história. Tem como característica a pureza, a simplicidade e a inocência. Bicho, na

definição do próprio Câmara Cascudo, pode ser compreendido, também, como “coisa extraordinária, de outro mundo” (CASCUDO, 1999, p.66). A personagem Maria, apesar das injustiças que sofre, não abandona sua essência generosa e benevolente, caracterizando-se não como uma figura terrena, repleta de desvios e imperfeições, mas como alguém que parece ser de outro mundo.

O conto inicia abordando uma situação muito comum no mundo real, em que a menina fica órfã de mãe, e o pai resolve se casar novamente, desejando oferecer à filha a composição de uma nova família. A madrasta da menina representa a mãe terrível e pode ser interpretada como o arquétipo da sombra. Sua personagem tem como objetivo bloquear o caminho da enteada, pois carrega, em seu íntimo, a inveja, a maldade e a crueldade. Von Franz, em *A individuação nos contos de fadas* (2003), menciona que o arquétipo da sombra representa o combate vivido com a madrasta, e pode ser concebido como fruto de um conflito com a própria mãe má.

Na narrativa, a personagem vivida por Bicho de Palha precisa enfrentar e superar a sombra da madrasta e, conforme von Franz (2003), superar a sombra faz parte da evolução interior, proporcionando o desenvolvimento do processo de individuação. Vale destacar que o termo individuação abordado por von Franz (2003) significa o conhecimento de si mesmo.

Por outro lado, a luz é o oposto da sombra e pode ser representada pelo arquétipo do velho sábio, ou fada madrinha, que, na narrativa, é vivida pela Velha senhora, simbolizando a boa mãe.

Câmara Cascudo, ao adaptar a narrativa, introduz elementos populares brasileiros e, por isso, fica clara a presença da religiosidade representada pela velha senhora, que vivencia o papel da Nossa Senhora e consegue cumprir a sua missão de redenção. Nos contos tradicionais, podemos dizer que a velha representa a fada madrinha que concede desejos. Ela incorpora o arquétipo do velho sábio, que constitui a transcendência, a magia, a sabedoria e o símbolo do mistério. Explora o lado materno, acolhedor e conduz a personagem Bicho de Palha para a solução de seus conflitos, para o processo de redenção.

Segundo von Franz, o arquétipo do velho sábio pode ser definido da seguinte maneira: “O velho é o oposto da bruxa. Pode-se dizer que ele exerce ação contrária à da feiticeira. Enquanto esta está sempre tentando destruir, ele fornece o antídoto para as suas ações, contribuindo para o encontro.” (2003, p. 24). Reiterando, Jung

ainda se refere ao arquétipo do velho sábio com a seguinte concepção: “Além de sua inteligência, sabedoria e conhecimento, o Velho se distingue, como já vimos, pela posse de qualidades morais: põe à prova a capacidade moral dos homens e distribui seus dons de acordo com essa prova” (2000, p. 221)

Segundo Chavelier e Gheerbrant, no livro *O dicionário dos símbolos* (1999), o papel da fada é estimular no homem a imaginação para que possa ter a capacidade de construir projetos que compensem os desejos frustrados e as angústias. O símbolo da fada está ligado diretamente a projetos imaginários de conquistar o impossível. Esse significado clarifica-se na narrativa quando a velha senhora oferece à Maria uma varinha e diz “Leva esta varinha, Maria e, quando estiveres em perigo, desejo ou sofrimento, debes dizer: “minha varinha de condão, pelo condão de Deus te deu, dai-me”. E tudo sucederá como pedires.” (CASCUDO, 2004, p.46). Analisando ainda palavra condão, segundo o dicionário, CONDÃO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 31/03.2021 possui a seguinte definição: “Atributo especial ou poder sobrenatural que pode exercer uma influência negativa ou positiva e, supostamente, mágica; dom”. Ou seja, a varinha representa na narrativa a magia, um símbolo de apoio responsável pela solução dos problemas.

O príncipe pode ser representado pelo arquétipo do puro, que simboliza a inocência, possui uma alma curiosa e cheia de esperança, carrega um consciente otimista e possui uma grande capacidade de sonhar. Também pode ser simbolizado pelo arquétipo do herói. “Nos contos de fadas, o herói ou a heroína foi amaldiçoado, de modo que a pessoa tem de comportar-se de um modo destrutivo, negativo, e é tarefa do herói redimir a pessoa enfeitiçada.” (FRANZ, 92-93, p. 19).

Observamos que o príncipe aparece como elemento bastante secundário e quem efetivamente proporciona a salvação da heroína de algum modo é a velha senhora, representando a fada. Nesse sentido, é possível dizer que a função da fada transfere-se para a figura do príncipe por este representar o animus, elemento necessário para que se reestruture o equilíbrio entre anima e animus que foi perdido quando a menina teve de abandonar o lar paterno.

O simbolismo inserido na narrativa representa os aspectos do arquétipo da transcendência, que tem como objetivo, segundo Jung (2000), a salvação, a

realização do ser e o final feliz. Podemos constatar isso ao analisar os elementos da história: a madrasta, a velha senhora, a varinha, o sapato, o horário de encerramento do encanto (meia-noite), a passagem da noite para o dia, do recomeço, do ciclo, os três bailes, os três endereços de moradia que Bicho de Palha oferece ao príncipe que coincidem com os objetos que este solicita à Maria antes de cada baile.

No conto, Maria deixa de vestir a capa de palha, para usar o vestido de festa para ir ao baile. A troca ou transformação da roupa pode significar uma mudança de atitude. Desde muito tempo, para a sociedade, a mudança ou troca de roupa pode ser representada como um ritual que indica uma nova ação ou processo de iniciação. Identificamos esse ritual de troca de roupa em algumas representações vividas no mundo real, em que podemos citar, como exemplo, as festividades proporcionadas às meninas que, ao completarem os 15 anos de idade, são apresentadas para a sociedade. Durante a festa de apresentação, é feita a troca de vestidos para a dança, que indica para a sociedade e para o mundo que a menina está se tornando uma mulher. No dicionário dos símbolos de Chevalier e Gheerbrant (1999), o ato da dança significa a celebração da busca pela liberdade e pela purificação. Na narrativa analisada, são realizados três bailes, com três danças e com três vestidos diferentes. Essa ação pode representar o processo de amadurecimento e crescimento da personagem, além da perfeição, da completude, com a representação do pai filho e espírito santo etc.

A história se desenrola para o tradicional final feliz e de comunhão, que podemos também caracterizar como uma possibilidade de redenção, de esperança, porque, mesmo com todos os percalços vividos por Bicho de Palha na narrativa, a história tem um desfecho feliz. Ao definir redenção, von Franz diz: “Nos contos de fadas, redenção refere-se especificamente a uma condição em que alguém foi amaldiçoado ou enfeitado e é redimido através de certos acontecimentos ou eventos da história.” (1992-93, p. 7). Nos enredos que abordam essa possibilidade de redenção, a história é composta por seres humanos que assumem papéis de animais, tais como leão, coruja, lobo, corvo, entre outros, ou assumem um papel de bruxa, de velho ou velha, que, depois da redenção, transformam-se em príncipes e princesa. “Em outros casos, alguém é amaldiçoado e forçado, por isso, a cometer maldades e a ser destrutivo, sem que deseje agir



dessa maneira”. (1992-93, p. 7).

Na história, quando a menina ía até o rio para lavar roupa, sempre se encontrava com a velha senhora e, nesses encontros, desabafava seus sofrimentos vividos na casa da madrasta. A água, neste conto, pode representar o efeito calmante da situação. Sobre a imagem da água, von Franz relata: “A Igreja Católica fala da *acqua doctrinae*, a água da doutrina, simbolizando a água e o efeito apaziguador produzido na alma pelo dogma. Quando existe uma possibilidade de compreensão, a emoção é esfriada e acalmada.” (1992-93, p. 41). Água simboliza também o inconsciente, assim afirma Jung: “A água é o símbolo mais comum do inconsciente. O lago no vale é o inconsciente que, de certo modo, fica abaixo da consciência, razão pela qual muitas vezes é chamado de "subconsciente". (2000, p. 29). Ou seja, a imagem refletiva na água é um reflexo de si mesmo “[...] aquele que olha o espelho da água vê em primeiro lugar sua própria imagem.” (2000, p. 30)

Ainda na trama é possível destacar o significado da heroína, vivenciada por Bicho de Palha, que representa o arquétipo anima, o lado feminino, que é simbolizado pelo impulso. Von Franz dialoga sobre esse arquétipo: “Quando falamos de anima, pensamos no homem como indivíduo, na anima de um certo ser, ou o ego é o ego de uma pessoa humana, e a sombra significa o aspecto inferior da pessoa”. (1992-93, p. 12). Isso ocorre devido ao fato de Maria enfrentar os desafios e articular situações ligadas à razão que estejam relacionadas com o propósito de conquistar, sobretudo também ao enfrentar as dificuldades com o desejo de obter a salvação e a libertação. Sobre o aspecto do arquétipo anima, Jung apresenta a seguinte contribuição.

A anima não é alma no sentido dogmático, nem uma *anima rationalis*, que é um conceito filosófico, mas um arquétipo natural que soma satisfatoriamente todas as afirmações do inconsciente, da mente primitiva, da história da linguagem e da religião. Ela é um "factor" no sentido próprio da palavra. Não podemos fazê-la, mas ela é sempre o a priori de humores, reações, impulsos e de todas as espontaneidades psíquicas. Ela é algo que vive por si mesma e que nos faz viver; é uma vida por detrás da consciência, que nela não pode ser completamente integrada, mas da qual pelo contrário esta última emerge. (JUNG, 2000, 37)

Esses conceitos podem ser comparados com a construção do ego. Segundo von Franz (1981), podemos definir ego como uma representação do arquétipo de si mesmo. Ela nos apresenta a função deste arquétipo: “Uma das principais funções

do Si-mesmo arquetípico é sustentar a consciência do ego a essa espécie correta de continuidade” (1992-93, p.19). Podemos dizer que o ego se forma a partir do inconsciente, onde estão contidos os elementos que foram reprimidos, ou seja, com um comportamento a ser modelado. Ao analisar o papel do herói ou da heroína no conto, von Franz faz a seguinte reflexão.

[...] o herói é corajoso e nunca perde a coragem, mas continua lutando até derrotar o inimigo. A heroína continuará sendo torturada; suportará todo o seu sofrimento até que consiga atingir seu objetivo. Nunca somos informados acerca de quaisquer reações humanas que possam ter... os heróis folclóricos são como clichês, com tendências muito características, tais como argúcia, capacidade de sofrimento, lealdade etc., e as figuras assim se mantêm até o fim da história. (1993-94, p. 11)

Sobre os heróis nos contos de fadas Von Franz (1992-93) conclui que, embora os heróis dos contos de fadas tenham características humanas, não são humanos por completo, são figuras arquetípicas, ou seja, não são comparados com o ego humano. Na narrativa, observamos que a personagem Maria, que, ao perder a mãe e o pai ao se casar novamente, é obrigada a viver sobre os cuidados da madrasta, que a faz sofrer, exigindo-lhe que seja uma serviçal e viva para servi-la, executando afazeres domésticos.

Observamos, também, na narrativa, a repetição do número três. Ao narrar o evento principal da história representado pela realização do baile em três dias, pelos três diferentes endereços de moradia oferecidos ao príncipe por Bicho de Palha, aos três pedidos que Maria faz antes de cada baile. Esse número representa movimento, dinamismo. Ou seja, o “terceiro dia de baile” surge com a possibilidade de apresentar a resolução do conflito.

Quando Maria faz o pedido à varinha, é evidente a magia inserida no conto. A magia é identificada quando Maria pede à varinha que a cada baile, ela tenha um novo vestido e uma carruagem para transportá-la até a festa. No entanto, durante todo o processo, é advertida para que respeite o horário de retorno, que deve ocorrer à meia-noite, para que o encanto não seja desfeito.

O sapato que Maria perde ao sair do terceiro baile é um elemento que representa identidade, persona. A personagem, ao ser identificada pelo sapato, é destinada ao final feliz ao casar-se com o príncipe e ser coroada princesa. Esse fato representa a transcendência, a realização do ser e o conhecimento de si mesma. Sobre este processo, Jung apresenta a sua concepção.

Esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta para afugentar a maioria, pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo à nossa volta. Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema. Teríamos, pelo menos, trazido à tona o inconsciente pessoal. (2000, p.31)

O horário imposto, meia-noite, para que o encantamento fosse encerrado, representa o limite. Para von Franz (1990), as condições e limites nos contos de fadas estão ligados ao avanço do herói em direção ao processo de individuação, ou seja, ao conhecimento de si mesmo.

Neste conto, os arquétipos que possuem a função de transcendência e que mais ficam evidentes na história, são representados pela velha senhora e pelo sapato, surgem com a função de conceber esperança e de libertar a heroína encarnada na personagem Maria ou Bicho de Palha, oferecendo-lhe uma nova vida.

#### **4.2 “Bicho de Palha” e sua contribuição para formação da criança**

A criança, ao ouvir contos de fadas, por meio das experiências vividas pelos personagens e pelos elementos que surgem ao longo da história, consegue, aos poucos, criar uma conexão com o seu mundo real, construir uma relação de valores essenciais para a vida humana e pode contribuir para que exista uma transformação da vida em sociedade. Como ocorre em quase todas as narrativas de contos de fadas, o sentimento de maldade é tão onipresente, como a virtude.

A narrativa “Bicho de Palha” é repleta de imagens com significados e emoções que podem contribuir para a formação da criança. É possível observar que a história se desdobra para o processo de redenção. Ouvir histórias com essa perspectiva permite que a criança adquira, paulatinamente, a percepção de que existe saída para os obstáculos e de que, mesmo diante de dificuldades impostas, com paciência e persistência, é possível superá-las. Ao refletir sobre o aspecto da superação representado pelos arquétipos nos contos de fadas, Von Franz diz que,

[...] quando lemos um conto de fadas, temos a sensação de que isso está certo, de que somente através desse tipo particular de comportamento o herói poderia alcançar seu objetivo, enquanto todos os outros fracassam. Assim, em alguns casos, está certo ser estúpido, enquanto em outros o herói tem de ser muito arguto ou audaz. Por vezes, requer-se a magia ou o animal prestativo,

enquanto em outras o herói realiza sua tarefa sozinho. Parece haver sempre um comportamento tipicamente correto. Se participamos com o nosso sentimento, temos a ideia de que essa é a maneira certa de fazer as coisas e, através dessa identificação, sentimos ser esse o modelo secreto para enfrentar a vida. (1992-93, p. 23-24)

Ao utilizar esta narrativa em propostas pedagógicas, é possível explorar os valores do bom-senso, da coragem, da resiliência, da igualdade, entre muitas outras competências atitudinais relevantes exploradas nela.

Os documentos oficiais que direcionam o trabalho no âmbito educacional enfatizam que a criança deve ser vista como um sujeito de direitos e que a educação e os cuidados dispensados a ela na primeira infância são de responsabilidade da escola e da família. Assegurar o direito à aprendizagem por meio da oralidade, possibilita que a criança se aproprie das diferenças sociais e culturais, dos direitos humanos, da diversidade.

A escola desenvolve um papel socioeducativo, por isso deve garantir que a criança tenha acesso à aprendizagem de diferentes linguagens e adquira experiências que tenham como objetivo os princípios éticos, políticos e estéticos. Para tanto, a prática da contação de histórias permite que a criança desenvolva experiências socioculturais e socioemocionais, pois possibilita a ela viver a fantasia por meio das personagens e do enredo e relacioná-los com o seu cotidiano e com seus conflitos existenciais. Nelly Novaes Coelho reafirma a importância da literatura infantil para o público infantil, ao dizer que

De maneira lúdica, fácil e subliminar, ela atua sobre seus pequenos leitores, levando-os a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de autoafirmação, ao lhes propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação no mundo que os rodeia. (COELHO, 2003, p. 123)

Conforme visto anteriormente neste trabalho, voltemos a refletir sobre estas palavras de Antonio Candido: a literatura tem um poder humanizador. Além de encantar o ouvinte, a literatura pode promover sabedoria e compreensão de valores e de mundo.

Entendo aqui de humanização (já que tenho tanto falado nela) o processo de confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a apercepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na

medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 182)

Ao analisar esse aspecto, podemos dizer que os contos de fadas podem auxiliar no processo de construção da identidade da criança, pois permite que ela se reconheça em seus movimentos internos e em seu contexto histórico cultural. Afinal, é por meio dos contos que a criança começa a entender o sentido da sua existência e a fazer relações com as suas próprias vivências. Com o amadurecimento, ela passa a compreender que as narrativas promovem um diálogo com a sua realidade e com os respectivos valores presentes no seu meio social.

Observamos que a narrativa explora novas situações e, na trajetória das personagens, são experimentadas circunstâncias de conflitos internos e externos, permitindo que a criança reflita sobre isso. Entre os aspectos observados na trama que representam o arquétipo da sombra estão o egocentrismo, a indignidade, a ambição e a maldade, que naturalmente são rejeitados pela criança, e colaboram no processo de formação de caráter.

Por outro lado, a humildade – uma característica manifestada pela personagem Bicho de Palha – acrescentada a outros sentimentos como a bondade, o amor e a fraternidade, podem amenizar as angústias da criança, que, ao ouvir a história, incorpora para sua vida as emoções das personagens.

Os símbolos e os arquétipos presentes nos contos de fadas ajudam a criança no processo de descobertas e de conhecimento de si mesma. Como eles, a criança é incentivada a nunca perder a esperança, a ter coragem, a enfrentar os medos e inseguranças, a desenvolver atitudes de solidariedade, de bondade, de amor e acreditar que o bem pode vencer o mal.

Von Franz afirma que,

Quando se conta histórias de fadas para as crianças, elas se identificam ingênua e imediatamente e captam toda a atmosfera e sentimento que a história contém. Se a história do patinho é contada, todas as crianças que têm complexo de inferioridade esperam que no fim elas também se tornem uma princesa. Isso funciona exatamente como deveria ser; o conto oferece um modelo para a vida, um modelo vivificador e encorajador que permanece no inconsciente contendo todas as possibilidades positivas da vida. (FRANZ, 1981, p. 74)

Questões relacionadas aos valores deveriam estar implícitas no âmbito

social, porém seres humanos carregam dentro de si coisas boas e ruins. Por isso, existe a necessidade e a importância de trabalhá-los entre as crianças da primeira infância, por se tratar de uma fase em que a construção da personalidade está em processo de formação. Ao serem trabalhados por meio dos contos de fadas, tais valores podem contribuir para o estímulo da conduta ética e da valorização da condição humana.

Ao mesmo tempo que a leitura, bem como a inserção de livros no ambiente escolar, pode contribuir para a formação de leitores, a prática de contar histórias tem papel importante no desenvolvimento da criança, pois além de proporcionar a reflexão sobre diversos valores consolidados em nossa sociedade, a narrativa abre espaço para outra questão de suma importância para o desenvolvimento humano: a oralidade.

Mais do que contar histórias, o recontar é fundamental porque estimula o prazer pela oralidade. Permitir que a criança participe da narrativa, questionando sobre as situações, personagens e elementos promove o desenvolvimento de experiências – aspecto sobremaneira abordado neste trabalho. A criança precisa ter o pensamento organizado e a linguagem oral desenvolvida. Deve ser estimulada primeiramente a ouvir, para depois falar e organizar seus pensamentos para posteriormente, transmiti-los. Contar e, principalmente, recontar histórias, são atividades que valorizam a comunicação e que poderão contribuir na perspectiva de desenvolvimento da capacidade comunicativa da criança.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (1998. P.120) defende que “a aprendizagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais.” Em outras palavras, quanto mais a criança fala em situações diversificadas, mais poderá desenvolver a oralidade. É por esse motivo que recontar histórias passa a ser imprescindível, sobretudo, porque ao ouvir várias vezes a mesma narrativa, além de proporcionar gosto pela história, a criança sente-se mais à vontade para expor suas ideias sobre a narrativa, contribuindo para o seu processo de formação, de reconhecimento de valores, de discernimento entre o bem e o mal.

Vamos observar o primeiro parágrafo do conto “Bicho de Palha” da versão original que consta no anexo deste trabalho.

Contam que um homem muito rico enviuvou e casou-se novamente, tendo uma filha que se punha mocinha e que era linda. A madrasta antipatizou logo com a enteada e se tomou de ódio, quando teve uma filha e esta era relativamente feia, comparada com Maria. É possível perceber já no trecho inicial da história a organização familiar e o papel das personagens. A heroína, Maria; a vilã, a madrasta. Contudo, a percepção do conto para um adulto é, evidentemente, muito diferente da percepção da criança. Isto porque o vocabulário, as experiências sociais, bem como a bagagem cultural não são as mesmas. O professor pode interferir diretamente no processo de interpretação da história e propor um valor a ser observado. Mas também pode recontar várias vezes a narrativa e oportunizar à criança que faça a construção das suas próprias ideias em relação ao conto, fazendo-a refletir sobre a história, na qual, muitas vezes, por meio da simbologia, encontrará respostas para as suas aflições e conflitos internos que contribuem para a sua formação individual e social. Recontar a narrativa e fazer alguns questionamentos para criança é também uma maneira de trabalhar a oralidade: quem faz parte da história? Essas pessoas são boas ou ruins? São perguntas que estimulam a interpretação, a prática da argumentação e logo, o desenvolvimento de diversas linguagens.

Enfim, são múltiplas as formas como as histórias podem ser apresentadas às crianças. Em todas elas, é possível constatar a contribuição para fomentação de apreciadores e de novos leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa não foi uma tarefa fácil e exigiu muita dedicação, empenho e comprometimento; no entanto, permitiu um amadurecimento como pesquisadora, como educadora e como pessoa, promovendo um aprendizado significativo, pois demandou realizar investigações, leituras, novas indagações e releituras. Afinal, o tema central, os contos de fadas, estudado na perspectiva junguiana nos fez refletir sobre os processos da psique e de conhecimento de si mesmo. Ao término deste trabalho, constata-se que é um assunto a ser ainda mais explorado no ambiente educacional, com o intuito de contribuir para o processo de formação da criança.

Inicialmente, o trabalho trata da arte de narrar e ouvir histórias de contos de fadas e sua importância. A pesquisa bibliográfica de autores renomados da literatura infantil sobre a experiência que essa arte pode promover para a criança, tornou possível concluir que ouvir, ler, vivenciar simbolicamente as narrativas infantis têm valor incalculável para a criança. As narrativas criam possibilidades de ela organizar seus sentimentos e pensamentos de forma que comece a entender o significado de processos de conhecimento de si mesma e do mundo exterior, já que as imagens arquetípicas inseridas nos contos de fadas são traduzidas por símbolos a que elas relacionam com os seus pensamentos e situações da sua vida real.

Resgatamos alguns aspectos históricos e constatamos que, inicialmente, essas narrativas tiveram sua origem na tradição oral. E continuam encantando os seus ouvintes até os dias atuais. A narração de histórias promove muitos aprendizados e podemos elencar alguns pontos positivos destacados pela atividade: compartilhamento de conhecimento, ampliação de cultura, resgate da memória e valorização da arte, além do desenvolvimento da oralidade.

O estudo foi direcionado para o âmbito educacional e, ao analisar os documentos oficiais que organizam e norteiam o processo de ensino e aprendizagem na etapa da educação infantil, observamos que todos enfatizam que a criança é um sujeito histórico e de direitos e que estes devem ser assegurados a ela; que o planejamento curricular deve ser idealizado tendo a criança como o centro do processo e que as aprendizagens devem ocorrer por meio das brincadeiras, das interações e das vivências compartilhadas na prática do cotidiano escolar, com o objetivo de que ela construa a sua identidade pessoal e coletiva.



A pesquisa foi de caráter interdisciplinar, pois dialogou com as áreas da literatura, da educação e da psicanálise. Quando falamos em literatura, logo a associamos à interdisciplinaridade. É um campo que rompe barreiras e cria conexões com conhecimentos histórico-sociais de diferentes culturas e, quando associada à educação, é possível propor atividades que sejam relacionadas com outras áreas de conhecimento, viabilizando experiências diversificadas, construções de aprendizagens e integração de relações.

O principal documento legal analisado nesta pesquisa foi a Base Nacional Comum Curricular, nela se verificou a proposta de que a criança aprenda por meio da experiência, da convivência, da brincadeira, da participação, da exploração, permitindo-lhe, assim, construir conhecimento sobre si mesma, sobre o outro e sobre as relações humanas.

O documento oficial propõe, ainda, a criação de cinco campos de experiência que têm como objetivo promover o aprendizado por meio do desenvolvimento de experiências. A pesquisa se fundamentou em alguns autores que estudaram sobre essa temática relevante para a educação infantil, a fim de entender o processo de ensino e aprendizagem de forma qualitativa. E, com base nesses estudos, a criança deve ser conduzida a aprender por meio da exploração do seu cotidiano, pela brincadeira, pela interação com seus pares. Essas situações possibilitarão que ela adquira experiências que a auxiliarão a viver em sociedade.

Os educadores, ao proporem que a criança tenha contato com a literatura, por meio de histórias, criam condições para que elas se reconheçam como sujeito histórico e de direitos, adquiram conhecimento de mundo, além de assegurar uma formação socioemocional e sociocultural. Ao trabalhar com o gênero literário dos contos de fadas, muitos arquétipos podem ganhar figuração; a transcendência ou a superação são sempre exploradas, permitindo que, a partir desse imaginário, as crianças possam construir seu processo de formação de ser e de conviver.

Na análise realizada do conto “Bicho de Palha”, de Câmara Cascudo, entre os vários arquétipos presentes na narrativa, vale destacar o da transcendência, que, conforme definido por Jung, representa a luta do homem para conquistar metas e superar desafios. Na história, esse arquétipo se evidencia, pois Bicho de Palha consegue a plenitude ao conquistar a libertação e a realização do sonho,

quando se casa com o príncipe e se distancia da sombra do mal, vivida pela personagem da madrasta.

A criança, ao vivenciar essa narrativa, tem a oportunidade de viver a fantasia da ficção e adquirir experiências que poderão auxiliar na formação de seu caráter, ao identificar na história aspectos relacionados a muitos valores, entre os quais, a possibilidade de o bem vencer o mal, de os obstáculos serem vencidos e das metas serem atingidas.

Por meio das experiências vivenciadas nos contos de fadas, a criança realiza uma leitura de si e do outro em vários níveis, permitindo que, pouco a pouco, realize a construção da imagem que criamos em nosso ego. Ao ouvir uma história por meio da tradição oral, a criança entra em contato com seus segredos mais íntimos e, por meio da fantasia e da ficção, ela vivencia e experimenta simbolicamente aspectos da condição humana – naquilo que ela traz de necessidade de construção da própria identidade.

Essas narrativas contribuem para a construção de valores e, ao mesmo tempo, para a desconstrução de ideias já consolidadas. Ainda no conto “Bicho de Palha”, a criança irá deparar-se com a protagonista, Maria, que é filha de um homem rico. A história apresenta neste trecho um contraponto relevante porque a heroína está em pé de igualdade com a vilã. Maria, na verdade, é bela e rica, portanto, possui elementos que supostamente poderiam tornar sua vida plena e realizada. Contudo, a narrativa caminha para apresentar um conflito gerado pela madrasta que exigirá superação da protagonista. Desta forma, o conto foge de uma perspectiva tradicional em que a heroína está em grande desvantagem física e social comparada à vilã e, assim, a criança que ouve a história pode deparar-se com uma visão mais ampla a respeito dos caminhos trilhados pela protagonista. Por outro lado, a história mantém as características que são comuns aos contos de fadas, ou seja, herói e vilão; bem e mal; superação de desafios e final feliz.

Em suma, ao contar e, principalmente, recontar histórias, como “Bicho de Palha”, dentre outras não mencionadas nesta pesquisa, os educadores abrem as portas para a ludicidade, proporcionando diálogo com as crianças e estímulo ao desenvolvimento da oralidade. A construção de valores éticos e morais, tão necessária para o convívio em sociedade poderá ser desenvolvida com liberdade

a partir da interação lúdica entre fantasia, imaginação e realidade; literatura e formação educacional na primeira infância.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- AGAMBEM, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 1)
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro, 1996.
- BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf) > Acesso em: 30 out. 2020.
- BRASIL.Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010.**
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfica, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/2N1KJOW>. Acesso em: 02 abr. 2020
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil?** 2. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Editora Global, 2004.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. Ed. São Paulo: Global. 2001.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Campinas, SP, Remate de Males, 2012. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001022230>. Acesso em: 05 dez.2020.

CANDIDO. Vários escritos. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 6.ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1995.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez Brasília, DF: MEC, Unesco, 1998.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 31/03.2021.

DIECKMANN, Hans. **Contos de fadas vividos**. trad. Elisabeth C.M. Jansen. São Paulo: Paulinas, 1986.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Grandes Políticas para os pequenos**. Cadernos Cedes. Campinas: Papyrus, n.37, 1995.

FRANZ, Marie Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1981.

FRANZ, Marie-Louise von. **O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fada**. São Paulo: Cultrix, 1990.

FRANZ, Marie- Louise von. **O gato um conto da redenção feminina**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

FRANZ, Marie-Louise von. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

FRANZ, Marie-Louise von. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1999.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos de Grimm**. Trad. Elzbieta Gaudasinska. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Chapeuzinho Amarelo**. Ilustrações de Zirando. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2004.

HUIZINGA, Joha. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteito. São Paulo: Perspectiva, 1998.

JUNG, C.G. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Vozes, 2013. (Original publicado em 1912).

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Atênica, 2020.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004a.

PERRAULT, Charles. **Um conto de fadas**: Chapeuzinho Vermelho. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. Trad. e revisão técnica Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz** – a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 31/03.2021.

## ANEXOS

### Conto “Bicho de Palha” – Câmara Cascudo

Contam que um homem muito rico enviuvou e casou-se novamente, tendo uma filha que se punha mocinha e que era linda. A madrasta antipatizou logo com a enteada e se tomou de ódio quando teve uma filha e esta era relativamente feia, comparada com Maria. O homem possuía propriedades espalhadas e vivia viajando, dirigindo seus negócios. Durava pouco tempo em casa e nesses momentos, Maria passava melhor. Na ausência do pai a madrasta obrigava-a aos serviços mais rudes e pesados, alimentando-a do que havia de pior e em quantidades insignificantes. A vida ficou insuportável para a moça que se consolava rezando e chorando. No caminho do rio onde ia lavar roupa, encontrava sempre uma velhinha de feições serenas e muito boa. Maria acabou contando seus sofrimentos e o silêncio para não magoar o pai. A velhinha animava-a com palavras cheias de doçura. Como a madrasta fosse se tornando mais violenta e brutal, a enteada resolveu abandonar a casa e ir procurar trabalho longe daquele inferno. Encontrou-se com a velhinha e confessando sua ideia, a velha concordou, aconselhou-a muito, deu-lhe a bênção e na despedida, tirou uma varinha, pequenina e branca como prata, dizendo: – Leva esta varinha, Maria, e quando estiveres em perigo, desejo ou sofrimento, debes dizer: "minha varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, dai-me". E tudo sucederá como pedires. Maria agradeceu muito e fugiu. Antes, obedecendo ao conselho da velha, fez uma grande capa de palha entrançada com um capuz onde havia passagem para olhar, e meteu-se dentro. Depois de muito andar, chegou a uma cidade importante. Pediu emprego num palácio e lhe disseram não haver mais lugar. Ia saindo, triste e com fome, quando um empregado lembrou que precisavam de alguém para lavar as salas, corredores e escadas e limpar os aposentos da criadagem. Maria aceitou o encargo e, graças ao seu vestido singular, só a chamavam "Bicho de Palha". Suja, silenciosa, retirada pelos cantos, trabalhando sempre, Bicho de Palha não incomodava ninguém e todos a toleravam. O palácio era de um príncipe moço, bem feito e airoso, que ainda tinha mãe, e estava na idade de casar. Noutro palácio, no lado oposto da cidade, realizariam festas durante três dias. As moças estavam alvoraçadas com os bailes, assistidos pelos rapazes da sociedade. No palácio a

conversa versava sobre os bailes. Amas, visitantes e criadas comentavam a organização e o esplendor das três noites elegantes. Finalmente chegou a primeira noite. Bicho de Palha, através dos orifícios de sua máscara, olhava o príncipe e o amava sinceramente. Rondava, discretamente, por perto dele, ansiando por uma ordem. Já de tarde, não havendo outra empregada por ali, o príncipe gritou: – Bicho de Palha! Traga uma bacia com água... Bicho de Palha levou a bacia e o príncipe lavou o rosto. Depois, todos foram para o baile, uns para dançar e outros para ver. Ficando sozinha no seu quarto escuro, Bicho de Palha despiu a capa, pegou a varinha e comandou, como a velhinha lhe ensinara: – Minha varinha de condão! Pelo condão que Deus te deu, dai-me uma carruagem de prata e um vestido cor do campo com todas as suas flores.

Palavras não eram ditas, apareceu a carruagem de prata, cocheiros e servos, um vestido completo, do diadema aos sapatinhos cor do campo com todas as suas flores. Bicho de Palha vestiu-se, tomou a carruagem e foi para o baile onde causou sensação. O príncipe veio imediatamente saudá-la e só dançou com ela, não permitindo que os outros moços se aproximassem. Confessou que estava impressionado e perguntou onde ela residia. Bicho de Palha ensinou: – Moro na rua das Bacias... À meia-noite em ponto, pretextando ir respirar o ar livre, a moça correu para sua carruagem que desapareceu na estrada. O príncipe ficou inconsolável e saiu da festa logo a seguir. No outro dia, no palácio, as criadas contavam ao Bicho de Palha as peripécias, do baile e a princesa misteriosa que fora a roupa e o rosto mais formoso da noite. O príncipe despachara muitos criados para procurar a rua das Bacias regressaram sem saber informar. Nessa tarde, o príncipe pediu a Bicho de Palha uma toalha. Quando todos partiram para a festa, Bicho de Palha pegou a varinha e obteve uma carruagem de ouro e um vestido cor do mar com todos os seus peixes. Vestiu-se e foi para o palácio do baile. Logo na entrada, toda a gente a reconheceu e aclamou-a como a mais elegante, graciosa e simpática. O príncipe não saía de junto, conversando, dançando, fazendo mil perguntas. Insistiu pelo endereço da moça. – Não moro mais na rua das Bacias e sim na rua das Toalhas. Mudei-me hoje. Aconteceu como na primeira noite. Bicho de Palha inventou uma desculpa e meteu-se na carruagem que correu relâmpago. O príncipe saiu também e passou o outro dia suspirando e mandando procurar, em toda a cidade, a rua das Toalhas. Bicho de Palha ouviu as impressões entusiásticas



dos empregados na cozinha, todos contando a paixão do príncipe e a beleza da moça. Na tarde desse dia o príncipe pediu a Bicho de Palha um pente. Vendo-se sozinha no palácio, Bicho de Palha invocou o poder da varinha de condão e recebeu uma carruagem de diamantes e um vestido cor do céu com todas as suas estrelas. Entrando no salão do baile, Bicho de Palha recebeu as saudações como se fora uma rainha. Ninguém jamais vira moça tão atraente e um vestido tão raro. O príncipe andava atrás dela como uma sombra, servindo-a e perguntando tudo, doido de amor. Bicho de Palha disse que se havia mudado para a rua dos Pentes, definitivamente. E dançaram muito. Perto da meia-noite, sabendo que era a hora em que moça desaparecia como se fosse encantada, o príncipe chamou seus criados e mandou abrir uma escavação junto do portão do palácio, esperando que a carruagem parasse. Tal, porém, não se deu, Bicho de Palha saltou para a carruagem e esta disparou como um raio, pulando o fosso, mas, o solavanco fora tão brusco que um sapato de Bicho de Palha, atirado fora da portinhola, perdeu-se. Um criado achou-o e levou-o ao príncipe, que ficou satisfeitíssimo. Debalde procuraram na cidade a rua dos Pentes. O príncipe deliberou encontrar a moça por outra maneira. Mandou levar o sapatinho a todas as casas, calçando-o em todos os pés. Quem o usasse, perfeito, nem largo, nem apertado seria a encantadora menina dos bailes. Os criados andaram rua acima e rua abaixo, calçando sapatinho nos pés das moças e das velhas. Nenhuma conseguia dar um só passo com ele no pé. Voltaram os criados para o palácio e experimentaram calçar os chapins nas empregadas e amas. Nada. Finalmente uma criada encarregada lembrou que Bicho de Palha não fora convidada para calçar o mimoso calçado. Riram todos, mas, para que o príncipe não os acusasse de ter deixado alguém de calçar o sapatinho, mandaram buscar Bicho de Palha, como motivo de riso, e lhe disseram que experimentasse. Bicho de Palha com a varinha na mão, pediu que lhe aparecesse no corpo, por baixo da capa de palha, o vestido da terceira noite da festa. O príncipe veio assistir, Bicho de Palha, cercada pela criadagem que ria, meteu o pé no sapatinho e este lhe coube perfeitamente. Depois estirou o outro pé e todos viram que calçava sapatinho igual ao primeiro. Mal podiam crer no que viram, quando caiu a palha e apareceu a moça formosa dos três bailes, com o vestido cor do céu com todas as estrelas, o diadema com a lua de brilhantes, tudo rebrilhando como as próprias estrelas do firmamento. O príncipe precipitou-se abraçando-a e

chamando por sua mãe para que conhecesse a futura nora. Casaram logo. Bicho de Palha contou sua história, e a varinha de condão, cumprida a vontade da velhinha, que era Nossa Senhora, desapareceu, deixando-os muito felizes na terra.

Dahlia Freire Cascudo

Natal, Rio G. do Norte